



MULHERES POTENTES:

ATUAÇÃO DE GRUPOS NA
AGENDA SOCIOAMBIENTAL
- EXPERIÊNCIAS NA
AMÉRICA DO SUL



fundo casa
SOCIOAMBIENTAL



GLOBAL ALLIANCE
FOR GREEN AND
GENDER ACTION

Expediente

EQUIPE FUNDO CASA - 2022

Diretora Executiva: Cristina Orphea

Fundadora/Desenvolvimento

Estratégico: Maria Amália Souza

Coordenadora de Finanças: Taila Wengrzynek

Coordenadora do Programa GAGGA:

Vanessa Ourique Purper

Equipe Técnica: Attilio Zolin; Beatriz Roseiro;

Claudia Gibeli; Denise Farias; Helen Maria,

Inimá P. Lacerda; Jani Aparecida Joana; Janice

Mello; Ketlyn Santos, Maíra Lacerda; Regilon

Matos, Rodrigo Montaldi, Thiarles do Santos.

CONSELHO DELIBERATIVO 2020 - 2023

Presidente: Renato Cunha

Integrantes do Conselho: Brent Millikan;
Henrique Silveira; Selma dos Santos Dealdina;
Severíá Maria Idioriê Xavante.

Consultoria e análise de dados: Geolatina

www.geolatina.org

Sistematização de dados: Iracema Marques

Projeto gráfico: Motora - Branding e Design

Revisão: Angela Pappiani

Fotos: Arquivo Fundo Casa Socioambiental

Realização:



Apoio:



Sumário



INTRODUÇÃO	4
A Aliança GAGGA	6
O Fundo Casa Socioambiental	9
A parceria GAGGA – Fundo Casa	10
FUNDO CASA SOCIOAMBIENTAL NA AMÉRICA DO SUL - HISTÓRIA E ATUAÇÃO - Angela Pappiani	12
Um pouco de história	15
Onde estamos e por onde vamos caminhar	18
Pequenas grandes transformações	20
CAMINHANDO E SEMEANDO: O QUE COLHEMOS NESTES CINCO ANOS?	22
Pequenos Apoios e Ações Coordenadas	24
Justiça de gênero e mulheres protetoras do Meio Ambiente	30
Nós, Mulheres, Somos Água - Vanessa Purper	32
Mudanças e transformações	37
A relevância dos processos organizacionais para o empoderamento das mulheres no Paraguai - Ruth Amarilla	42
GAGGA e o Fundo Casa: profundas mudanças internas	47
GAGGA - 5 ANOS DE GRANDES RESULTADOS	49
Um fundo socioambiental para a Bolívia e o nascimento da Alianza Socioambiental Fondos del Sur - Maria Amália Souza e Eduardo Franco Berton	50
Trilhas para o amanhã - Amália E. Fischer e Shinji Carvalho	53
O privilégio de aprender com as defensoras dos direitos ambientais - Tamara Mohr	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62



INTRO- DUÇÃO



Estamos aqui, no início deste ano desafiador de 2022, para uma grande celebração: comemorarmos os cinco primeiros anos da Aliança GAGGA, sigla em inglês para Global Alliance for Green and Gender Action. Iniciativa conduzida pelo Fundo Casa Socioambiental, canalizou recursos para apoio a mais de 100 projetos na interface de mulheres e meio ambiente no Brasil, Bolívia e Paraguai.

Inovador, esse programa revelou a potência natural dessa união: a força criativa, sensível e realizadora das mulheres em sua busca por direitos negados historicamente e a luta por justiça ambiental, como o direito ao acesso à água limpa, à soberania alimentar, ao meio ambiente saudável e equilibrado, à manutenção dos recursos necessários para a vida das gerações presentes e futuras.

Introdução

Uma aliança de forças que pode parecer tão natural, mas que ainda não estava posta, de forma clara e objetiva. E os desafios do que a princípio pareciam lutas separadas, defendidas com coragem e determinação por diferentes grupos, se abriram em caminhos novos, fortalecidos pelo diálogo e compartilhamento de experiências e sonhos.

O que podemos ver nesta publicação, são bem mais do que surpreendentes resultados alcançados pelos grupos apoiados, é a revelação de uma verdade poderosa, capaz de grandes revoluções: **as mulheres, na conquista de seus direitos, de sua voz e seu lugar no mundo, protegem e cuidam de todas as formas de vida,**

cruzando fronteiras impostas pelo poder institucional, falando idiomas diversos, nas cidades, nos campos, nas florestas. Afinal, a Mãe Terra, a Pachamama, nomes que muitos dos povos originários usam para designar a natureza e este planeta, é também a mãe geradora e acolhedora, a que semeia e cuida de seu roçado, que protege e forma os filhos, que os banha e batiza em água limpa, que tece e cria formas com o barro, que trabalha duro para erguer sua casa, que compartilha o alimento com os vizinhos, que estuda, que dança em roda juntando todo o povo, que celebra a alegria e o prazer, que canta para fortalecer a luta e adormecer as crianças.

A Aliança GAGGA



GAGGA é um programa global que teve início em 2016 e finalização da primeira etapa em 2020, financiado pelo Ministério das Relações Exteriores da Holanda (MRE), como parte das iniciativas “Diálogo e Dissenso” que este apoia.

O principal objetivo da primeira etapa da aliança GAGGA é “catalisar o poder coletivo dos movimentos pelos direitos da mulher e pela justiça ambiental em direção à realização de um mundo no qual as mulheres possam exercer seus direitos à água, à soberania alimentar e a um ambiente limpo, saudável e seguro”.

O programa é facilitado por um consórcio de organizações liderado pelo Fundo Centroamericano de Mulheres (FCAM), com sede na Nicarágua, em colaboração com Mama Cash e Both ENDS, ambos sediados na Holanda. O consórcio trabalha em estreita colaboração com aliados estratégicos e uma ampla gama de fundos de justiça ambiental e direitos da mulher, organizações não-governamentais (ONGs) e grupos de base comunitária que trabalham em nível local, nacional e regional, em mais de 30 países da América Latina, África, Ásia e Europa (Georgia).

Atuação GAGGA entre 2016 e 2020:



€ 31.987.154

EM APOIO FINANCEIRO PARA A MOBILIZAR DEFESA DOS DIREITOS DAS MULHERES E DA JUSTIÇA AMBIENTAL.

O fortalecimento organizacional dos grupos de base, assim como o empoderamento político e econômico e a autonomia das mulheres, é uma das áreas prioritárias de trabalho GAGGA, como parte de suas estratégias para fortalecer a defesa dos direitos das mulheres e a justiça ambiental em nível local, regional, nacional e global.

Teoria da Mudança GAGGA:

A Teoria de Mudança GAGGA entende que os grupos de base que trabalham pelos direitos das mulheres e pela justiça ambiental, a partir dos territórios que habitam, estão melhor posicionados para promover os direitos das mulheres à água, à soberania alimentar e a um ambiente limpo, saudável e seguro. GAGGA concluiu que estes grupos são mais capazes de fazer isto quando estão fortalecidos e unidos, pois recebem o apoio, os meios e as capacidades para realizar as agendas políticas que definiram como prioritárias e o seu trabalho em rede/parcerias é alinhado e se baseia nos pontos fortes um do outro.

GAGGA: Catalisando o poder coletivo dos movimentos pelos direitos das mulheres e pelo ambiente

De acordo com a Teoria da Mudança GAGGA, ao apoiar fundos e organizações comunitárias de base com recursos para o seu fortalecimento, construção de capacidades, advocacy, pesquisa e fomentando a participação em redes para promover uma conexão do local com o global, a Aliança é capaz de mobilizar os diferentes atores para promoverem ações e influenciar a sociedade, formuladores de políticas públicas, governos e doadores, de modo a garantir que as mulheres exerçam os seus direitos no que concerne o direito à água, segurança alimentar, controle dos recursos naturais e adaptação às mudanças climáticas.





O Fundo Casa Socioambiental

O Fundo Casa é uma organização criada com a proposta de promover a conservação e a sustentabilidade ambiental, a democracia e a justiça social. Para isso, desenvolvemos uma poderosa rede de apoio a pequenas iniciativas de grupos da sociedade civil.

Uma rede que mobiliza recursos, fornece suporte e fortalece as suas capacidades, garantindo uma autonomia cada vez maior para esses grupos, que estão espalhados por toda a América do Sul. Acreditamos que a transformação parte da escuta,

e, por isso, ouvimos os verdadeiros protagonistas de cada causa que abraçamos: aqueles que têm suas vidas diretamente afetadas por qualquer alteração no território que ocupam. O objetivo desses apoios é fortalecer as capacidades dessas organizações comunitárias que atuam em temas relacionados à proteção ambiental, desenvolvimento comunitário, fortalecimento institucional, energias renováveis, proteção da água, mulheres e jovens na defesa do meio ambiente, entre outros, em áreas rurais e urbanas.

EXISTIMOS PARA TRANSFORMAR.

Somos um sorriso de esperança
com os pés no chão e as duas
mãos na massa. Acolhemos
desafios e apoiamos soluções.

A parceria GAGGA - Fundo Casa

Quando começamos a negociar nossa participação na Aliança GAGGA ficamos muito empolgados com seu desenho de atuação - tão inovador e desafiador. Nosso papel foi implementar um programa de cinco anos, em dois países fronteiriços, muito diferentes entre si, com foco no apoio a mulheres defensoras ambientais e suas longas trajetórias para garantir acesso à água, a um meio ambiente seguro e direitos que garantam a manutenção da vida ao invés de colocá-la em risco.

GAGGA trouxe para o Fundo Casa, além de desafios, inspiração e aprendizado, a linda oportunidade de fortalecer o tema gênero como um eixo transversal em todos os nossos programas. Com GAGGA aprendemos muito mais sobre feminismo e sobre as diversas perspectivas feministas de proteção ambiental; trabalhamos em estreita colaboração com outros fundos e ONGs; conhecemos inúmeros grupos de base na Bolívia e no Paraguai, o que qualificou nosso entendimento sobre esses territórios e seus desequilíbrios socioambientais.

Tivemos oportunidade de mobilizar mais atenção do campo da filantropia sobre a importância de apoiar diretamente os movimentos sociais de base e as reais Guardiãs do Planeta através de inúmeras conversas e participações em eventos para falar do tema.

O Fundo Casa investiu recursos financeiros, ofereceu processos de capacitação, troca de experiências, contatos com outros grupos, entre outras formas de apoio, para dezenas de grupos de base comunitária e organizações da sociedade civil, implementando projetos e iniciativas na interseção dos direitos das mulheres e da justiça ambiental. O foco desta publicação é, em grande parte, o estudo do programa de apoio a projetos e fortalecimento de grupos de base na Bolívia e no Paraguai, entre os anos de 2016 até 2020, e também um pouco da história do Fundo Casa e de como nos transformamos a partir da relação com GAGGA.

Nesta publicação trazemos os resultados do caminho que trilhamos junto aos grupos apoiados. Aprofundamos nosso entendimento sobre a estreita

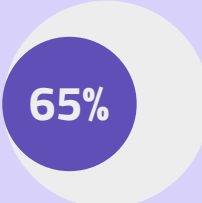
As convocatórias do Fundo Casa na Aliança GAGGA

INVESTIDOS:

USD 579.561,11


 **179** PROPOSTAS DE PROJETOS RECEBIDAS
(demanda total de US\$ 686.892,70)

 **117** PROJETOS APOIADOS

 **65%** DO TOTAL DE PROPOSTAS RECEBIDAS TIVERAM SEUS PROJETOS CONTEMPLADOS

 **90** DIFERENTES ORGANIZAÇÕES CONTEMPLADAS

 DURAÇÃO DOS PROJETOS: 12 MESES

 ORÇAMENTO ENTRE US\$ 4.000 E US\$ 5.000 EM 93% DOS PROJETOS

relação que as mulheres defensoras do ambiente têm com as questões de justiça ambiental. Mesmo quando esse entendimento não é explícito e óbvio, até mesmo para as próprias defensoras, é irrefutável a relevância e importância da atuação das mulheres na proteção dos ecossistemas e da vida - individual e coletivamente.

Internamente, GAGGA foi e é uma oportunidade potente e transformadora para o Fundo Casa aprofundar sua relação com a justiça de gênero. Nossa participação na Aliança GAGGA gerou impactos em todos os nossos Programas. A partir do nosso contato com o universo da interseção das agendas de defesa dos direitos das mulheres e da justiça ambiental, compreendemos que todas as nossas convocatórias de projetos precisam valorizar a aptidão das mulheres dos grupos de base comunitária para a transformação coletiva que buscamos fortalecer.

Finalmente, outro ponto importante para a consecução da missão do Fundo Casa que apresentamos nesta publicação são alguns resultados da nossa influência sobre o campo da filantropia para a justiça ambiental e social, que é parte da nossa essência. Como as formigas e as abelhas, somos resilientes e incansáveis em atrair a atenção de financiadores para ressaltar a importância de apoiar as organizações de base comunitária - de forma estratégica e interconectada, levando em conta a justiça ambiental e de gênero - na busca por um ambiente digno, seguro e acolhedor para todas as formas de vida do planeta.



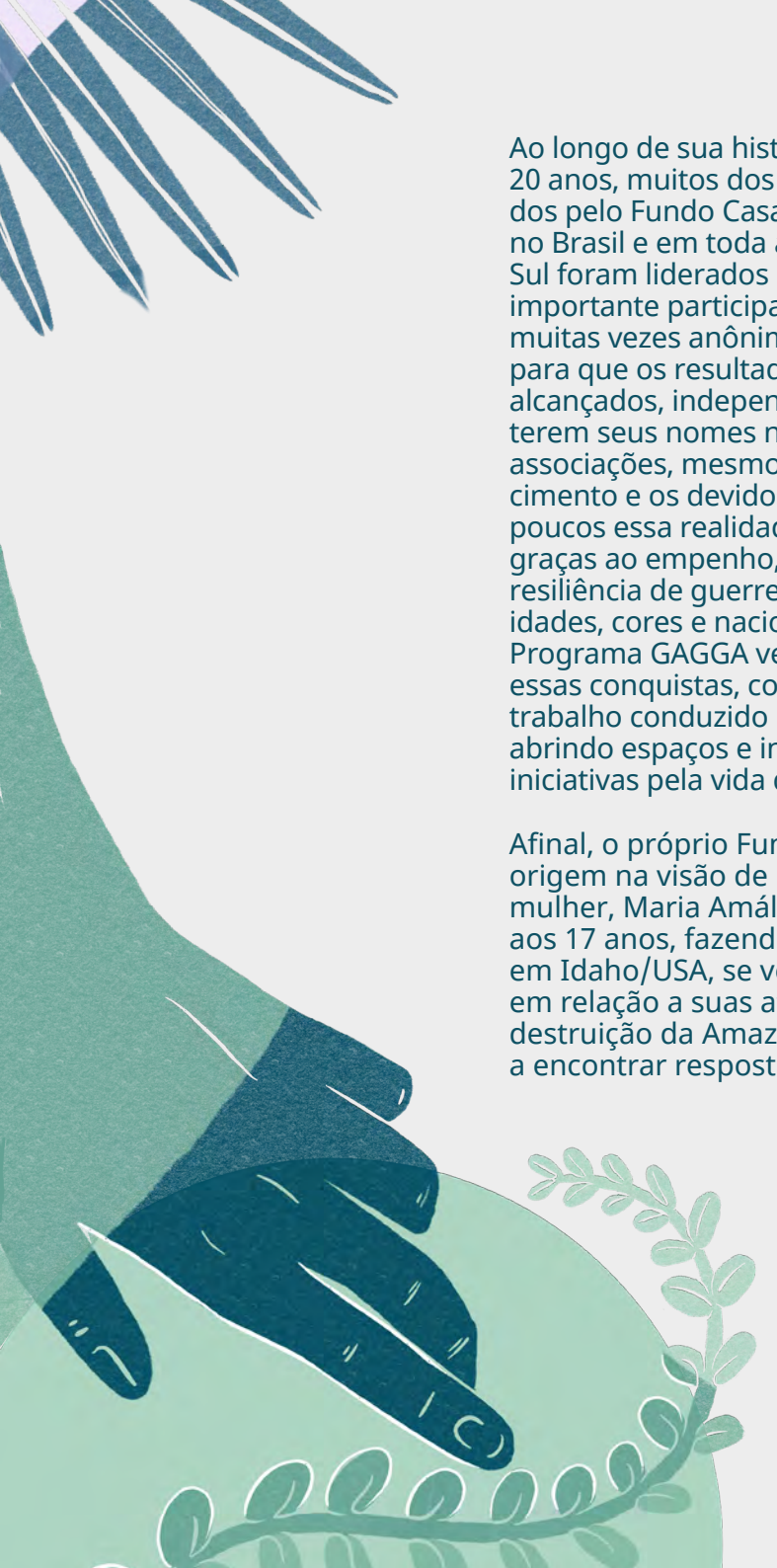


FUNDO CASA SOCIOAMBIENTAL
NA AMÉRICA DO SUL

HISTÓRIA E ATUAÇÃO

ANGELA PAPPIANI





Ao longo de sua história de mais de 20 anos, muitos dos projetos apoiados pelo Fundo Casa Socioambiental no Brasil e em toda a América do Sul foram liderados ou tiveram importante participação de mulheres, muitas vezes anônimas, cuidando para que os resultados fossem alcançados, independentemente de terem seus nomes nas diretorias das associações, mesmo sem o reconhecimento e os devidos créditos. Aos poucos essa realidade vem mudando graças ao empenho, sabedoria e resiliência de guerreiras de todas as idades, cores e nacionalidades. E o Programa GAGGA vem consolidar essas conquistas, com o apoio ao trabalho conduzido por mulheres, abrindo espaços e inspirando novas iniciativas pela vida do planeta.

Afinal, o próprio Fundo Casa tem sua origem na visão de mundo de uma mulher, Maria Amália Souza que aos 17 anos, fazendo intercâmbio em Idaho/USA, se vê confrontada em relação a suas atitudes frente à destruição da Amazônia e, disposta a encontrar respostas, começa

um caminho sem volta. Uma luz poderosa se acende em 1986, durante o First Citizens Conference on the World Bank, em Washington, D.C., quando Maria Amália conhece Ailton Krenak, na época coordenador da União das Nações Indígenas – UNI. Um encontro que, pela primeira vez, a faz enxergar um outro jeito de estar no mundo, reconhecido nas histórias que ele lhe conta sobre a resistência e organização dos povos indígenas no Brasil, de uma luta com estratégia e foco para garantir seus direitos na nova Constituição brasileira.

Assim, Maria Amália Souza, idealizadora do Fundo Casa, conta que, a partir dessa relação de amizade e trabalho com os indígenas, percebe a importância dos recursos da filantropia internacional como retorno para compensar séculos de dominação e fortalecer a sociedade civil dos países do sul, tão apagada da história e reprimida por governos e sistemas econômicos. Mas, ao mesmo tempo, se dá conta da grande distância entre os recursos da filantropia e as comunidades mais afetadas e vulneráveis, invisíveis aos sistemas de apoio. Os financiadores não conhecem a realidade e as demandas locais, não reconhecem as dificuldades, a falta de estrutura e as diferenças culturais desses grupos, o que inviabiliza os apoios diretos, fortalecendo grandes organizações que executam projetos para, e não com,

essas comunidades, perpetuando o choque do pensamento colonialista sobre as populações afetadas.

ESCUTAR, PERCEBER, CONSTRUIR

Como, então, superar esse abismo? Esse era o desafio. E a forma de superar, muito simples, ao mesmo tempo muito distante do “jeito branco de ser”: escutar as comunidades, perceber suas reais necessidades, apoiar o seu fortalecimento, confiar na sua capacidade de identificação e resolução dos problemas, acompanhar como aliado a autonomia para aplicação dos recursos. Assim como as raízes das árvores, subterrâneas e invisíveis, são capazes de nutri-las, de se comunicarem entre si, num complexo sistema de manutenção da vida, assim como cada célula de nosso corpo está conectada ao todo, cumprindo um importante papel no conjunto, o que permite as mais complexas funções, os sistemas sociais também são vivos e orgânicos, se comunicam e se multiplicam, interagem e se fortalecem mutuamente.

Pequenos apoios pontuais para resolução de demandas reais de uma comunidade, quando aplicados de forma estratégica e coordenada, são capazes de produzir resultados concretos de grande impacto dentro de todo um sistema.

Essa é a resposta, a filosofia baseada na observação da natureza e do conhecimento tradicional que vem orientando, como as estrelas no céu, a história de vida do Fundo Casa.

Uma história que começa com a criação formal em 2005, graças ao apoio fundamental da Fundação Charles Stewart Mott, que desde 2003 acreditou na proposta e gerou as condições para as bases da nova organização batizada inicialmente com o nome de Centro de Apoio Sócio Ambiental-CASA.

O CASA nasce agregando a experiência e a paixão de pessoas em torno das questões ambientais e sociais para buscar soluções para grandes problemas a partir da ação dos grupos de base nas regiões mais longínquas e desassistidas.

Em 2012, o CASA assume oficialmente a importância de sua missão de captar recursos para doação incorporando o termo Fundo ao nome. Dessa forma, mantendo a palavra “casa” agora re-significada como “nosso planeta lar”, a organização se fortalece como referência para a filantropia internacional, consolidada e reconhecida por seu papel transformador, com nova logomarca, slogan e nome: Fundo Socioambiental Casa, Investindo em cuidar.

“ O relacionamento da Fundação Charles Stewart Mott com o Centro de Apoio Sócio- Ambiental (CASA) começou quando o CASA não era mais do que uma ideia criativa comentada durante o Fórum Social Mundial de Porto Alegre em 2003. A Mott apoiou um projeto de pla-

nejamento para esse grupo, que na época constituía o Conselho Brasil do Global Greengrants Fund, para que pudesse explorar as possibilidades de transformar esse conceito em realidade. Dois anos mais tarde, o CASA emergiu como uma organização brasileira oficial. E logo em seguida a Fundação Mott aprovou um projeto de apoio operacional diretamente para o CASA. Esse relacionamento continua sendo produtivo até hoje. Por que uma fundação que promove finanças públicas com sustentabilidade ambiental precisa apoiar um fundo de pequenos projetos? Como diz a diretora do CASA, Maria Amália Souza, num vídeo gravado para os diretores da Mott no ano passado, oferecer apoio para organizações pequenas, de base comunitária é crucial ‘para tornar visível o invisível’ aos olhos das autoridades que devolvem e implementam políticas públicas. Pelo fato de viabilizar a amplificação das vozes locais, os pequenos apoios ajudam a criar uma ponte entre as realidades locais e as amplas mudanças nas políticas públicas que os programas IFS da Mott buscam alcançar. Estamos muito contentes de ter sido parceiros do CASA desde o início, e queremos continuar a aprender juntos no futuro”.

TEXTO DE AMY SHANNON DA FUNDAÇÃO CHARLES STEWART MOTT, FLINT, MICHIGAN, EUA PARA O RELATÓRIO DE CINCO ANOS DO FUNDO CASA EM 2010

Um pouco de história

Foi um longo caminho de 20 anos, desde a chegada dos primeiros apoios da filantropia internacional para as comunidades de base da América do Sul, pelas mãos de importantes parceiros como a Fundação Damien, o Global Greengrants Fund e da Fundação Francisco, num processo de fortalecimento da sociedade civil depois de um árduo período de governos autoritários e graves ameaças às comunidades e ao meio ambiente em todo o continente.

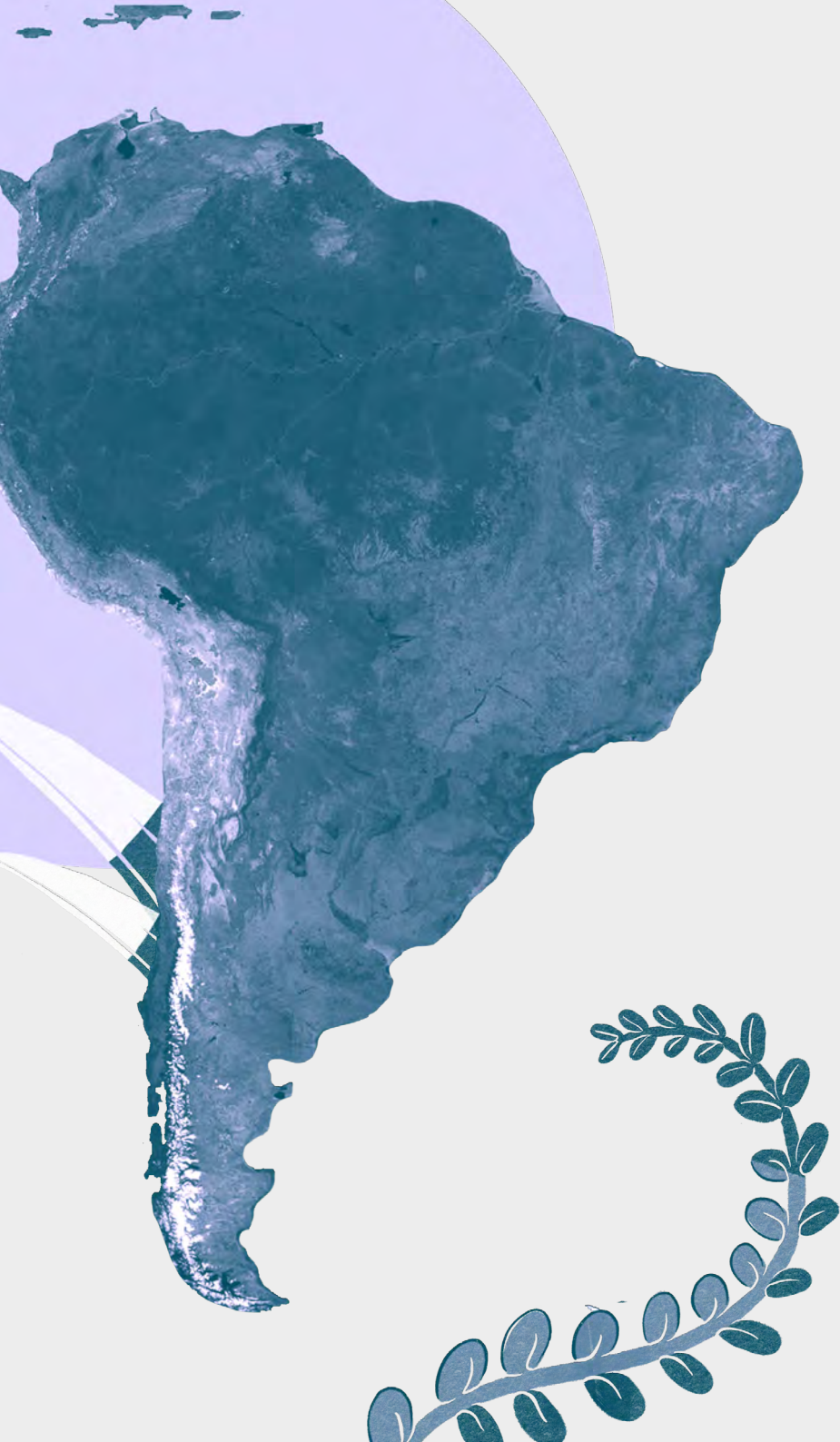
O Fundo Casa é fruto desse amadurecimento, das muitas lutas, de muitos ambientalistas comprometidos em suas regiões, atuando em muitas organizações locais e regionais, com conhecimento do território, dos biomas que atravessam fronteiras, do contexto econômico e político, e com o rico patrimônio de relações estabelecidas com a população local. Pessoas que se juntam para concretizar essa filosofia de apoio às comunidades de base, acreditando em seu potencial transformador.

O foco do Fundo Casa é o apoio a projetos de proteção e defesa dos territórios e do modo de vida de populações tradicionais como indígenas, extrativistas, quilombolas e ribeirinhos, com foco na segurança alimentar, garantia do direito de voz e interferência no planejamento de megaprojetos que ameaçam a sobrevivência e os direitos de cidadãos, na busca de soluções sustentáveis que apontem caminhos de fortalecimento econômico de comunidades nas mais variadas situações de vulnerabilidade, nas mudanças climáticas e nas questões das cidades. Sempre com reforço do protagonismo de pessoas e instituições locais que

influenciam e trabalham no monitoramento, mobilização da opinião pública e formulação de políticas públicas.

Mas, indo além da canalização de recursos a projetos, o Fundo Casa investe na construção de capacidades, apoiando o intercâmbio e a formação de redes; a constituição legal de organizações, com aquisição de equipamentos e custeios operacionais, que muitas vezes não são contemplados por outras instituições e até são exigidos como contrapartida por financiadores, inclusive pelos fundos governamentais. Dessa forma, o Fundo Casa acredita que colabora para o fortalecimento das bases promovendo sua autonomia e a capacidade de captarem recursos maiores, ampliando seu acesso a novas fontes de apoio.

Em 2019, com seu trabalho consolidado, acontece um novo ajuste no nome e em sua identidade visual. Uma ligeira inversão de palavras, um texto e símbolos mais acolhedores traduzem um longo processo de escuta de grupos apoiados, parceiros do campo da ação e da filantropia, equipe e conselhos. “Fundo Casa Socioambiental - Acolhemos desafios, apoiamos soluções”, não poderia expressar melhor a trajetória passada, o compromisso e a visão de futuro desse trabalho feito com tanto amor.



Eu sou da América do Sul

Recuando muito mais na história, no começo dos tempos, os continentes todos eram um, a grande Pangeia. Assim como na maioria dos mitos de origem dos povos, a humanidade também era única, criação perfeita, coexistindo em harmonia com todos os seres e seu criador.

Aos poucos as terras se movimentaram, a América do Sul se alongou, distanciando-se de África e dos continentes ao norte. Milhões de anos depois, os “homens da mercadoria” - como Davi Kopenawa denomina a sociedade “dos brancos”, vinda de além oceano, essa humanidade que seguiu o caminho da acumulação e da transformação da natureza em recursos econômicos - chegaram para se apoderar do território, fincar suas bandeiras e subjugar os povos originários.

As imagens de satélite mostram o grande continente sul americano como uma massa de terra entre o Atlântico e o Pacífico, o mar do Caribe o estreito de Drake, com sua beleza natural, com seus contrastes incríveis, sem fronteiras e sem idiomas, sem donos, nem governos. Uma terra abençoada com alguns dos maiores rios do mundo, a maior floresta, um dos maiores desertos, a cordilheira majestosa, as quedas d’água, geleiras, áreas úmidas, milhares de quilômetros de praias - biodiversidade única e insubstituível. Olhando de perto, a

maravilhosa diversidade de culturas, idiomas, tecnologias e artes que se mesclam.

E então, há cerca de 500 anos, mais uma grande transformação: os povos que aqui sempre habitaram, desde tempos imemoriais, circulando livres, e a natureza em expansão pelas mãos hábeis desses povos, foram forçados a alterar seus cursos pela colonização que se impôs.

Independente das linhas traçadas nos mapas desde então, a floresta amazônica se expande por nove países, o pantanal e o chaco se espalham por Brasil, Bolívia, e Paraguai, assim como os rios cruzam centenas de quilômetros banhando margens de diferentes bandeiras, como os pampas e o altiplano também extrapolam nacionalidades. E a gente que vive nesses biomas também cruza fronteiras com seus costumes e crenças. As ações dos governos e empresas com seus projetos de desenvolvimento também afetam indistintamente os diferentes lados das fronteiras. As enchentes ou a falta d’água provocadas pelas barragens, os venenos do agrotóxico das grandes monoculturas, o mercúrio liberado pelo garimpo, o derramamento de petróleo poluem os rios, afetam flora, fauna, gente. A questão do combustível fóssil no Chaco chaco, a mineração

em toda a parte, a pecuária predatória e desordenada, os desmatamentos para grilagem de terras, as queimadas propositas, os grandes projetos de integração da infraestrutura regional com suas estradas, portos, hidrovias, ferrovias, gasodutos, todas essas ações que transformam a paisagem e exploram a natureza como simples mercadoria disponível para quem tem os meios para esse domínio, demonstram o tamanho do desafio. Os governos nacionais adotaram um modelo de desenvolvimento com foco na infraestrutura, com a Aliança do Pacífico, tratados de livre comércio, corredores interoceânicos, grandes investimentos chineses, e tudo isso traz impactos irreversíveis aos mais frágeis ecossistemas do planeta.

Os grandes desafios das décadas de 1970, 80 e 90, quando os pequenos movimentos das sociedades organizadas começaram a se posicionar e buscar alternativas e soluções, só cresceram. Cada vez o mundo é mais global e o sistema econômico dominante mais avança, com a convivência e participação direta de governos e instituições. Ao mesmo tempo, remando contra a correnteza, as comunidades gritam por seus direitos, se reúnem, protestam, incidem sobre as políticas, criam alternativas, buscam apoios para o enfrentamento da realidade.

Se o papel do Fundo Casa já era importante no começo dos anos 2000, o que dizer agora quando pessoas no mundo todo percebem o ponto de não retorno causado pela destruição ambiental que acarreta as mudanças climáticas? Quando a tragédia já está instalada, trazendo enormes perdas de patrimônios e vidas, alguns governos e instituições começam a se movimentar.

Ao mesmo tempo, as mudanças políticas em muitos países na América do Sul, e também em outros continentes, depois de um período de aparente avanço nas áreas ambientais e de direitos humanos, deram uma guinada para governos conservadores que retrocedem nas conquistas levadas a termo por muitas lutas.

Esses dois fatores demonstram que, mais do que nunca, o apoio à sociedade civil em sua resistência e busca de alternativas é fundamental. Diante do panorama de crises políticas, sociais, econômicas e sanitárias, agravadas pela pandemia do Coronavírus que escancarou a desigualdade social, a crueldade do sistema econômico e a urgência nos cuidados com o meio ambiente, muitas instituições filantrópicas voltaram a olhar para o sul global e a apoiar organizações de grande, médio e pequeno porte que combatem esse caos instalado, no campo e nas cidades.




Onde estamos e por onde vamos caminhar

Esses movimentos, a nível regional e internacional, trouxeram impactos também para o Fundo Casa, que deu um outro grande passo nos últimos anos, reorganizando sua estrutura e equipe para dar conta dos crescentes desafios, passando a construir narrativas, participar amplamente de eventos do setor da filantropia, publicar artigos e estar presente em plataformas de divulgação. Isso com grande repercussão, conquista de respeito e um retorno muito bem vindo.


Como referência de fundo para pequenos apoios, o Fundo Casa passou a ser procurado por investidores que nunca haviam destinado recursos para esse público. A demanda cresceu exponencialmente, assim como a necessidade de atender às situações de emergência, com agilidade, sem perder o foco na importância dos apoios estratégicos. Vários programas com novos investidores foram implantados, o volume e a diversidade de temas apoiados cresceu, gerando uma quantidade enorme de dados catalogados num banco de dados capaz de revelar sob diferentes ângulos o perfil dos apoios e apoiados, o montante dos recursos investidos, as metas alcançadas, desafios, acertos e erros, desdobramentos e avanços.

E nesse movimento de crescimento, o caminho escolhido pelo Fundo Casa foi o de alimentar a rede de raízes subterrâneas espalhadas pela América do Sul, apoiando a criação de novos fundos locais na Colômbia, Bolívia, Peru e Equador, como forma de ampliar a ação pelas mãos dos protagonistas que conhecem os territórios e as realidades e podem estar mais presentes, acompanhando a aplicação dos recursos captados da melhor maneira, com autonomia e visão estratégica. Assim, o trabalho segue na cooperação e não na competição, na busca de recursos para ações em sistemas transfronteiriços, na construção conjunta e harmoniosa, mostrando que esse modelo cooperativo, em rede, é um diferencial e pode inspirar mais gente. O Fundo Casa tem sido o grande articulador dessa Aliança Socioambiental de Fundos do Sul. Mas esse é outro capítulo que será desenvolvido à frente.



Minha vida, meus mortos
Meus caminhos tortos
Meu sangue latino
Minh'alma cativa
Rompi tratados
Traí os ritos
Quebrei a lança
Lancei no espaço
Um grito, um desabafo
E o que me importa
É não estar vencido

CANÇÃO SANGUE LATINO DE JOÃO RICARDO E
PAULINHO MENDONÇA



“ Minha história com o movimento social começou quando eu nasci, sou filha de uma liderança do povo Krenak e uma jornalista ativista. Eu cresci dentro do movimento indígena.

Até os 35 anos trabalhei em organizações indígenas. Esse trabalho nunca foi fácil porque essas organizações sempre tiveram muita dificuldade em conseguir apoio para os projetos, em serem respeitadas em sua autonomia, na sua capacidade de condução e de pensarem estratégias.

Então, quando comecei a trabalhar no Fundo Casa em 2015, encontrei uma forma de continuar no movimento, facilitando o trabalho dessas organizações. É uma experiência de filantropia e movimento social em comunhão. Essa prática de troca constante com o campo que são nossos pares, é o que possibilita a gente ter a agilidade necessária para responder às demandas que vão surgindo. Para mim a filantropia deve se conectar com os movimentos sociais através da escuta, do respeito e da confiança.”

MAÍRA KRENAK – GESTORA DE PROGRAMAS DO FUNDO CASA

Pequenas grandes transformações

Os apoios financeiros canalizados pelo Fundo Casa permitiram a aquisição de um freezer, um liquidificador e um embalador para uma comunidade de extrativistas que processam e comercializam frutos em regiões pressionadas pelo desmatamento ou ocupação imobiliária. A construção de um galpão, a aquisição de computador, a instalação de internet, ou ainda os recursos para o registro legal de uma associação que mobiliza a população de uma área afetada por grandes projetos. A instalação de bomba d'água mecânica, reservatório de água e abertura de roça numa aldeia indígena que se instala num ponto estratégico do território e busca resgatar sua cultura e conhecimentos tradicionais, confrontando um modelo destrutivo de ocupação do cerrado. A instalação de postos de vigilância para controle de invasores em áreas protegidas e terras indígenas. Os recursos que garantem os deslocamentos pelos rios da Amazônia,

em longas distâncias, entre comunidades ribeirinhas ou aldeias e as cidades para participação em audiências públicas ou encontros com os poderes constituídos na decisão sobre empreendimentos que afetam a vida dessas pessoas. A criação, treinamento e aquisição de equipamento para as brigadas contra o fogo nesses tempos de grandes queimadas. A denúncia, a mobilização e a resistência contra exploração e vazamentos de petróleo. A luta por justiça e reparação no rompimento de barragens da mineração e o desmonte das barragens ainda existentes que colocam em risco milhares de pessoas e outros seres vivos. A criação de Protocolos de Consulta Livre, Prévia e Informada. As campanhas de informação e mobilização contra a instalação de grandes obras como estradas, hidrelétricas e mineradoras. O enfrentamento e a denúncia contra grileiros e garimpeiros, contra a poluição do ar, dos rios e cursos d'água, a proteção à vida dos

protetores da floresta ou ativistas ameaçados de morte, as roças urbanas que agregam pessoas e culturas, as energias alternativas que chegam a comunidades carentes, ou simplesmente a compra de tecidos para que as mulheres costurem máscaras de proteção contra o Coronavírus, ou comprem cestas básicas para saciar a fome de quem não tem mais renda, nem como sair de sua casa para trabalhar por conta do isolamento social necessário contra a pandemia.

Esses são apenas alguns exemplos das demandas recebidas e apoiadas com os recursos captados pelo Fundo Casa em toda a América do Sul. E cada pequena vitória, cada palavra de gratidão e de entusiasmo diante do resultado da luta, a força e a determinação de pessoas de todas as cores, gêneros, idiomas, crenças, em quase todos os países sul-americanos nos fazem mais fortes e confiantes de que o caminho está certo.

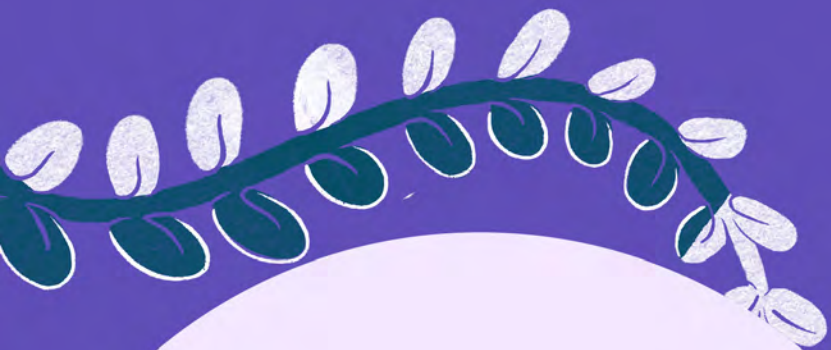




// O que um pequenino valor pode fazer para mudar qualquer coisa diante do tamanho das ameaças existentes? Sozinho e isolado, realmente quase nada. Mas vamos olhar para uma floresta intacta. Quantos milhões de seres vivem em um metro quadrado de floresta - espécies de insetos, plantas, fungos, répteis, mamíferos, aves? Quem controla esse ambiente? Quem comanda as relações? E o corpo humano, quem ordena que processe o alimento, que bata o coração, que respire o ar, separe o oxigênio e dispense o resto? Esses são sistemas vivos, que funcionam exatamente porque é de sua natureza manter a vida. Se uma árvore cai e abre mais espaço para o sol, rapidamente a floresta se acomoda para fazer lugar para novas vidas. Se o corpo se enferma, algum estímulo externo pequeno (um chá, um medicamento, uma agulha), cria a condição para que volte ao equilíbrio. A rapidez com que a informação da mudança, ou desequilíbrio, chega ao “sistema” é fundamental para que os ajustes

sejam feitos para reequilibrar o todo — a retroalimentação (feedback loop). O mesmo ocorre com os grandes sistemas de relações sociais. Muitas vezes, pequenos estímulos a partir de conhecimento profundo de uma realidade, podem alavancar processos regenerativos importantes para comunidades e seus ecossistemas. A questão é conhecer profundamente aquela realidade para saber exatamente onde intervir. Esse é o modelo utilizado pelo Fundo Casa, baseado na ciência do pensamento sistêmico, e foi desenhado para responder de forma rápida e eficiente a grandes temas socioambientais da atualidade, pois se alimenta do conhecimento de milhares de pessoas que dedicam suas vidas a essas causas na busca de resultados. Tudo o que o Fundo Casa apoia é milimetricamente desenhado para responder com rapidez e eficiência à complexidade das questões e regiões onde se propõe atuar.”

MARIA AMÁLIA SOUZA



CAMINHANDO E SEMEANDO

o que colhemos nestes cinco anos?





Nossa missão é proteger os verdadeiros guardiões e guardiãs da vida neste planeta e impulsionar mudanças sistêmicas no contexto ambiental e social. Por isso, o desenho da metodologia e a abordagem da Aliança GAGGA na busca destas transformações é profundamente alinhado com a visão e as ações que o Fundo Casa leva a cabo, desde sua criação.

Ao longo dos anos, observamos que, via de regra, a filantropia do Norte Global para a sociedade civil tende a abordar problemas complexos oferecendo grandes somas de dinheiro a um pequeno número de organizações de grande porte. Mesmo os fundos solidários do Norte, que buscam melhor distribuir os recursos entre movimentos sociais do Sul Global, por mais bem-intencionados, também têm muitas limitações para responderem adequadamente a demandas de regiões tão grandes e complexas. A estratégia do Fundo Casa tem um olhar diferente sobre a maneira de aplicar recursos para a defesa do ambiente. **Nós captamos grandes quantias dos principais financiadores nacionais e internacionais, dividimos estas somas em múltiplos pequenos valores, para então doar estes microapoios diretamente para defensores e grupos locais, comunidades tradicionais e de base protagonizarem suas próprias soluções para suas vidas e territórios.**

Fazendo isso, pulverizamos o recurso - de maneira coordenada e estrategicamente pensada - desenvolvendo uma camada bem interconectada de atores nas bases, comprometidos com a justiça social e ambiental. Realizamos apoios diretos para as pequenas organizações, pois confiamos nas suas habilidades de defender os direitos das suas comunidades a um ambiente limpo, seguro e saudável, além do seu imenso potencial propositivo de ações criativas e eficazes. Esta grande teia formada por muitos saberes e vivências favorece o trabalho colaborativo e em rede, dando ainda mais força para a velha máxima “juntos somos mais fortes”. E se juntos somos mais fortes, muitos de nós juntos, podemos mudar nosso mundo.

A implementação da Aliança GAGGA foi - e continua sendo - tão importante para as ações do Fundo Casa que optamos por fazer um estudo dessa atuação com consultores externos, cujo resultado nos inspirou a reunir informações nesta publicação. Quando estávamos mais ou menos na metade do caminho de implementação das ações GAGGA na América do Sul, começamos a reforçar nosso sentimento sobre a importância que os apoios de médio e longo prazo tem nos territórios. Sentimos um forte

desejo de olhar para o percurso trilhado com olhos ainda mais curiosos... Cinco anos, tempo, atenção e vários milhares de Euros investidos... O que isso trouxe para esses grupos de base comunitária? Como o recurso da filantropia, investido dessa maneira, agrega para as mudanças que queremos ver na nossa Casa Comum?

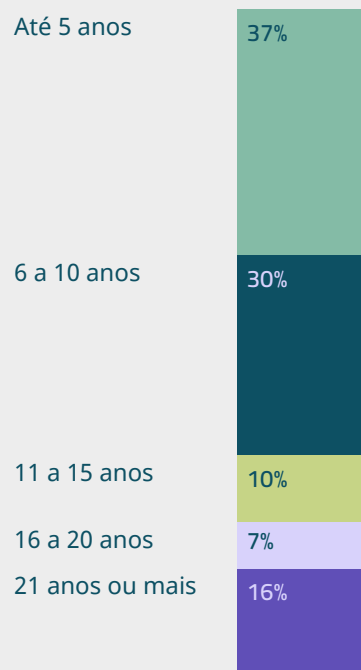
Trabalhamos com uma equipe de consultores que já conhecia em profundidade a Aliança GAGGA, pois foram os avaliadores que estiveram envolvidos com diversas ações de monitoramento nos níveis global e regional. Um olhar profundo sobre a relação de um fundo com as bases era o que estava faltando para completar esse cenário. O Fundo Casa mantém uma base de dados minuciosa de todos os projetos que recebe e isso ajudou sobremaneira no estudo a respeito da implementação da Aliança GAGGA pelo Fundo Casa, nos seus cinco primeiros anos de atuação. Completando os dados quantitativos, fizemos análises qualitativas e o resultado desse estudo é apresentado nesta publicação, que nos enche de alegria e da certeza de que trabalhar com os grupos de base comunitária e as verdadeiras guardiãs do planeta é uma chave para a justiça socioambiental.

Pequenos Apoios e Ações Coordenadas

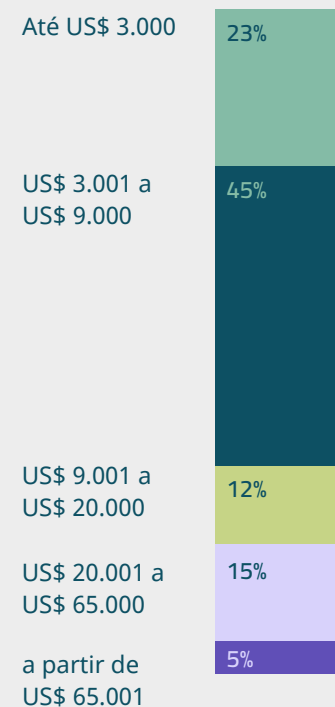
Perfil das Organizações

São organizações de base comunitária relativamente jovens (23% delas existem há 3 anos ou menos). Grupos, coletivos, movimentos, associações, cooperativas, redes: a diversidade de formatos como estão organizados é enorme. 62% delas estão legalmente constituídas e 38% ainda não têm um registro formal. O apoio do Fundo Casa foi, em muitos casos, a única receita financeira recebida por essas organizações no período. 70% operam orçamentos anuais inferiores a USD 9.000 e 23% operam orçamentos anuais inferiores a USD 3.000, como demonstra o gráfico ao lado.

TEMPO DE EXISTÊNCIA DAS ORGS



ORÇAMENTO ANUAL DAS ORGS



FORMALIZAÇÃO DAS ORGS APOIADAS



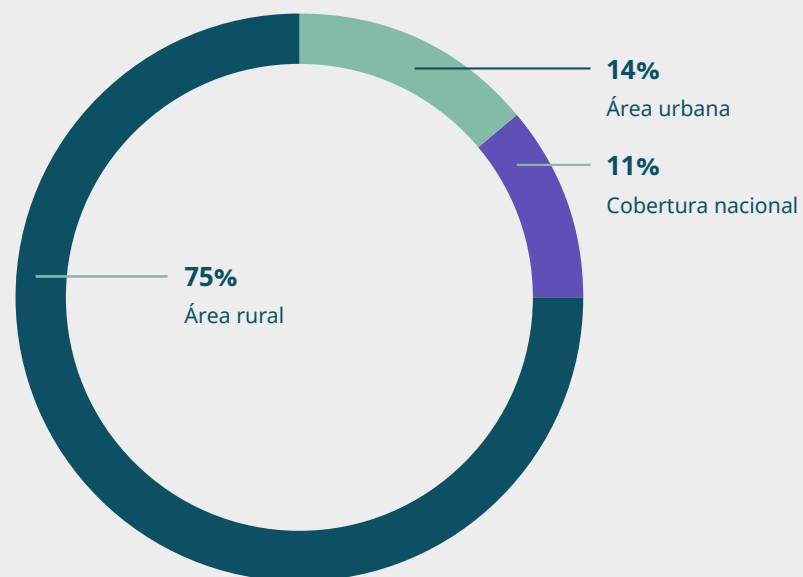
PAÍS DE REALIZAÇÃO DOS PROJETOS 2016 A 2020



Perfil dos projetos apoiados

Para poder entender verdadeiramente a realidade dos territórios em que atua, o Fundo Casa colhe uma série de dados sobre o contexto das regiões, as ameaças que porventura existam sobre os ecossistemas, como as organizações que enviam propostas de projetos estão inseridas nestes contextos. Por exemplo, para nós é imprescindível conhecer quais são as missões e como atuam as organizações que buscam apoio.

ÂMBITO DE EXECUÇÃO DOS PROJETOS APOIADOS



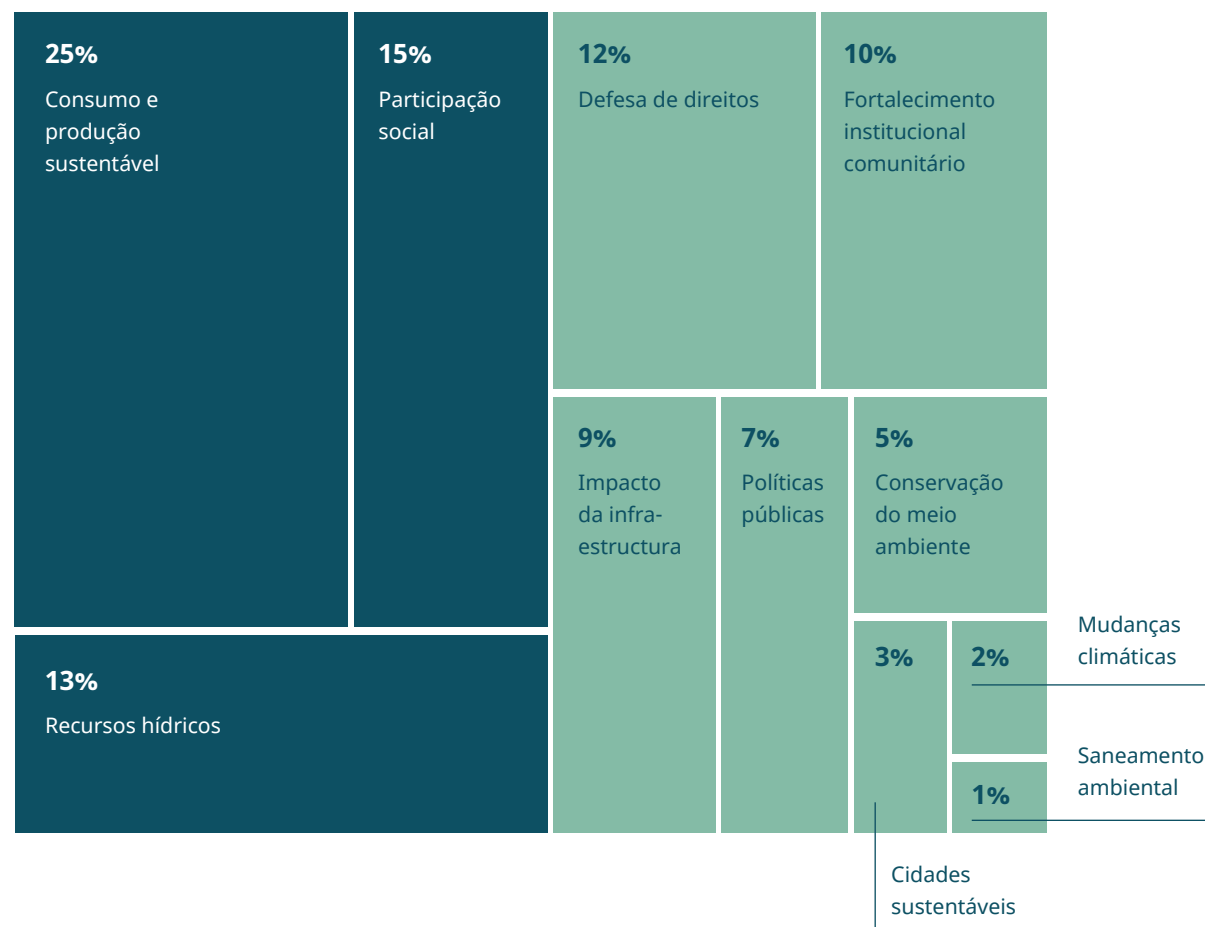
É notório que os grandes projetos de infraestrutura para energia, a mineração, o garimpo, e o desmatamento em nome do agronegócio afetam profundamente as pessoas e os ecossistemas. Não por acaso, 75% dos apoios realizados foram implementados em áreas rurais.

Os dados sobre os contextos de atuação dos projetos que o Fundo Casa apoia são segmentados e organizados em uma base de dados enorme, que foi sendo construída ao longo dos anos, justamente a partir da escuta atenta às informações trazidas pelas organizações postulantes. Vimos que os temas abordados pelos grupos são muitos, dependem de uma série de fatores e, por essa razão, optamos por organizar um tema principal e alguns temas secundários para cada projeto recebido.

Entre 2016-2020 o Fundo Casa apoiou 117 projetos com recursos GAGGA. Estes projetos se distribuíram em 11 temas principais, sendo que 52,1% do total de projetos foram sobre Consumo e produção sustentáveis (24.8%), Participação social (14.5%) ou Recursos hídricos (12.8%).

As questões de consumo e produção sustentáveis e recursos hídricos estão estreitamente relacionadas à **interseção das agendas de luta pelos direitos das mulheres e justiça ambiental**, conforme apontou este estudo. A participação social é considerada uma modalidade de interação relacionada à incidência, outro ponto chave dentro da Aliança GAGGA.

PRINCIPAIS TEMAS APOIADOS

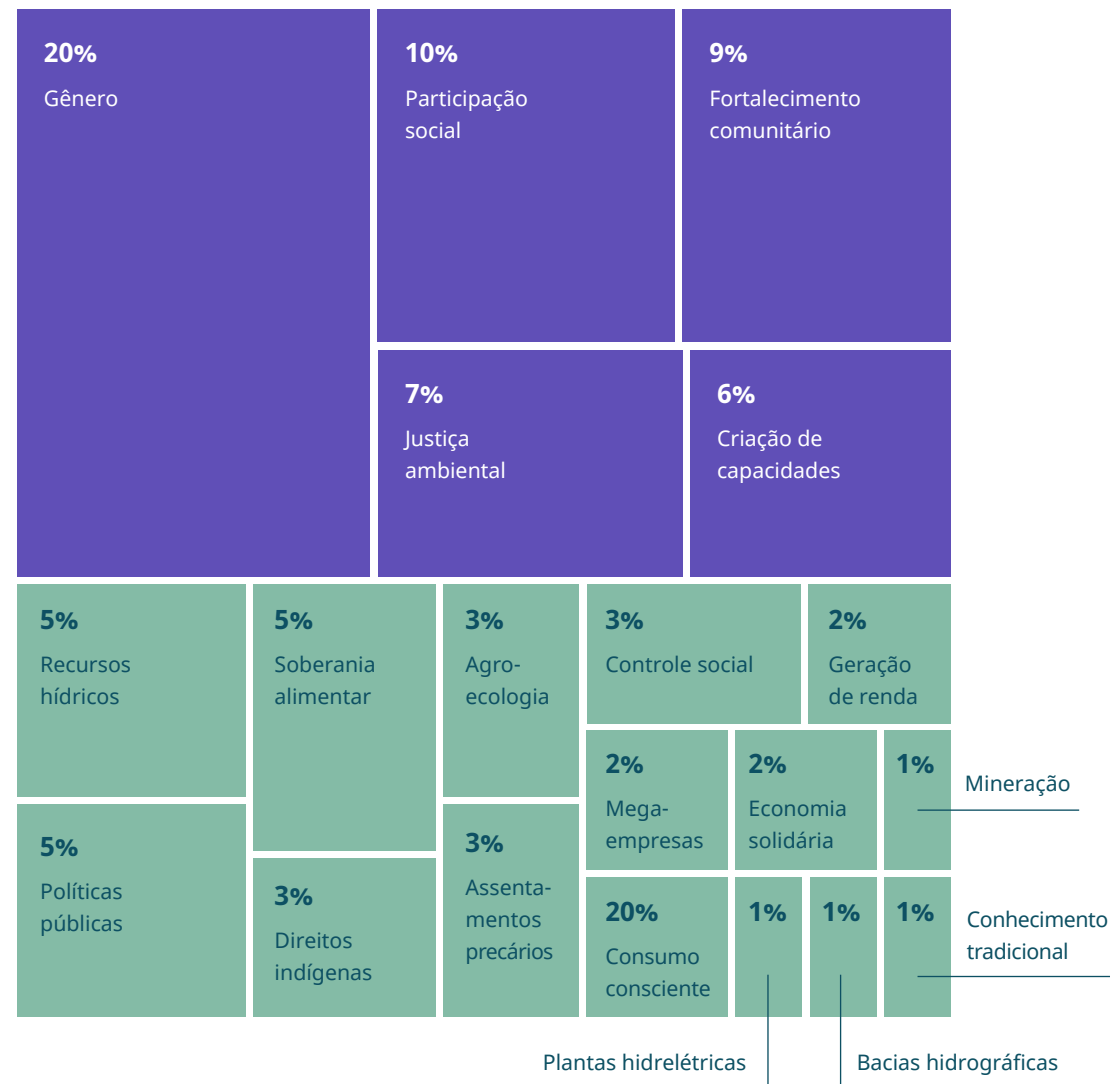


Com relação aos temas complementares abordados pelos projetos financiados com recursos GAGGA, **1 em cada 5 (20%)** trabalhou no tema “**Gênero**”, além de seu tema principal. 51% abordou um dos seguintes 5 aspectos como um tópico complementar:



A distribuição detalhada de projetos por temas complementares se mostra na figura abaixo.

TEMAS COMPLEMENTARES DOS PROJETOS APOIADOS





O protagonismo das mulheres na execução dos projetos apoiados com recursos da Aliança GAGGA é fundamental. Quando fazemos as análises das propostas de projetos levamos em consideração, além da participação nas atividades, a forma como essas mulheres estão se relacionando com as organizações.

Elas fazem parte dos quadros de governança? Possuem voz e vez na gestão administrativa e financeira? Não basta apenas que as mulheres participem das ações dos projetos, queremos que as mulheres sejam protagonistas e ocupem espaços de decisão. Por essas razões, para além do apoio financeiro, entendemos que o fortalecimento das capacidades institucionais dos grupos de base comunitária, envolvidos em ações que defendem a interseção das agendas dos direitos das mulheres e da justiça socio-ambiental são uma parte essencial para garantir que as mulheres se empoderem e assumam papéis de liderança nas diversas frentes em que atuam.

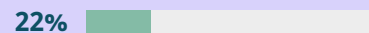
Ações executadas pelos projetos

Nosso estudo categorizou os **tipos de ações** que os grupos de base realizaram para alcançar as transformações que relataremos mais adiante. A ação mais frequente apontada pelos grupos de base para a obtenção dos resultados relatados tem a ver com o desenvolvimento de capacidades de incidência (22%). Em segundo lugar está a criação e/ou participação em redes e alianças para incidência e ação conjunta (17%). Tomar medidas para o diálogo, seja a nível comunitário (15%) ou com os governos locais e nacionais (9%) é o tipo de ação mais comum relatado pelos grupos de base, que somados, representam 24%.

Quando nos deparamos com esse retorno, a partir dos relatos das próprias mulheres apoiadas, percebemos, na prática, a eficácia de um dos alicerces do Fundo Casa: **muitos pequenos apoios, interconectados e recorrentes, melhoram as condições de atuação das organizações de base comunitária.** Apoiar as bases de forma estratégica, sistêmica e plural gera transformações positivas nos territórios. Os grupos que receberam recursos financeiros e não financeiros para atuar dentro de um escopo definido, que alinha as agendas de defesa dos direitos das mulheres e da justiça socioambiental, demonstraram que se sentem mais capazes de incidir nas políticas públicas, de participar de ações coletivas e de trabalhar em rede.

TIPOS DE AÇÕES EXECUTADAS PELOS PROJETOS

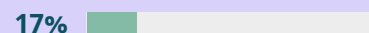
Capacitação e sensibilização sobre temas específicos para incidência



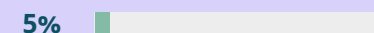
Incidência para formulação e/ou implementação de políticas públicas socioambientais



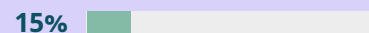
Redes e alianças para incidência e defesa conjunta



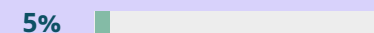
Uso de meios de comunicação



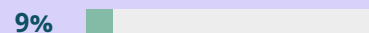
Diálogo comunitário



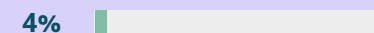
Participação e incidência em conferências e/ou reuniões de alto nível



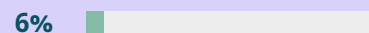
Diálogo/coordenação com governos locais e/ou nacionais



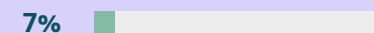
Elaboração e difusão de produtos de conhecimento para incidência



Intercâmbios e viagens de estudo



Outros



Investigação e documentação de evidência para incidência



Total



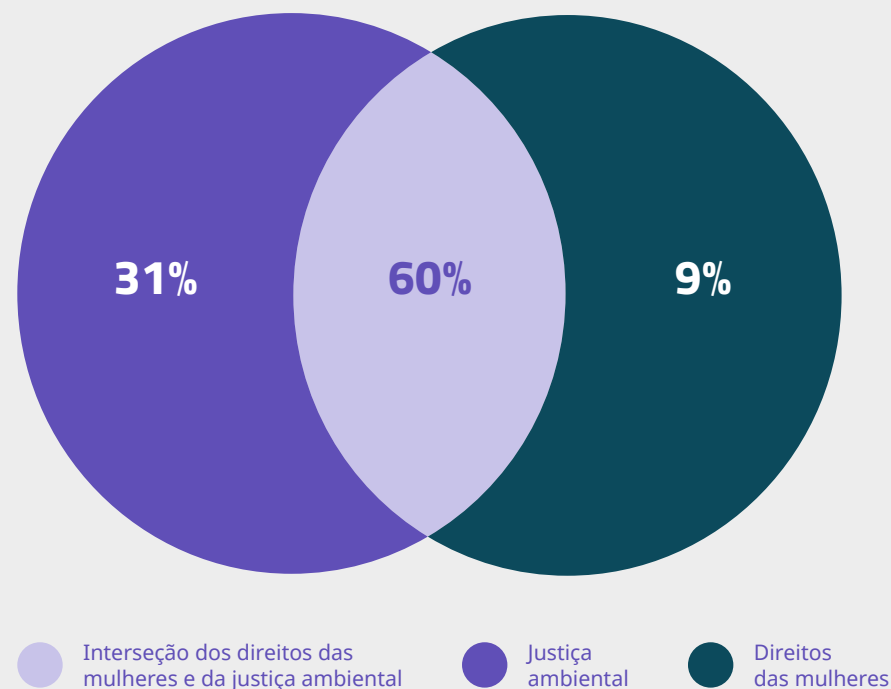
Justiça de gênero e mulheres protetoras do Ambiente

O estudo conduzido pela equipe de consultores externos nos permitiu observar como e quando as atividades dos grupos apoiados se alinhavam com os objetivos macro da Aliança GAGGA.

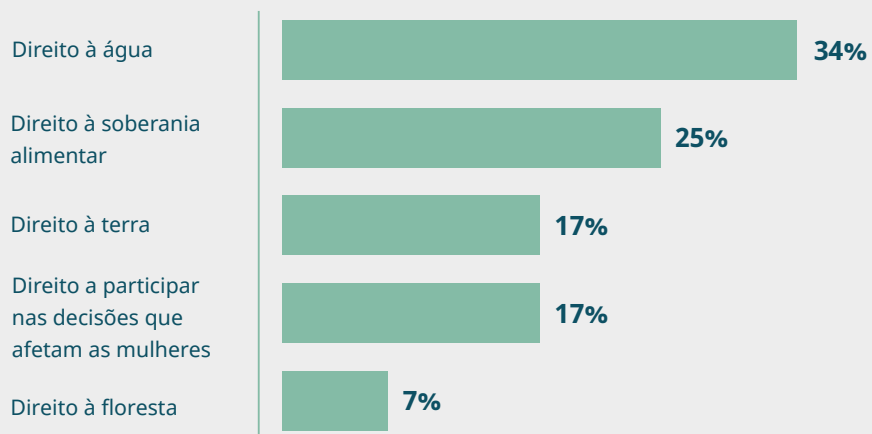
Ao investigarmos sobre a percepção dos grupos apoiados sobre a natureza primária das atividades dos **projetos executados, constatamos que 60% indica a interseção dos direitos das mulheres e da justiça ambiental**, ou seja, resultados que abordam ambas as questões. Para o trabalho de GAGGA este vínculo é fundamental.

Aproximadamente um terço dos resultados colhidos, 31%, tem a ver com justiça ambiental, enquanto 9% dos resultados colhidos têm a ver com a defesa dos direitos das mulheres. Neste aspecto, por exemplo, inclui-se ações como capacitação de grupos de mulheres para participação em espaços de tomada de decisão ou incidência política, mas que não foram explícita ou diretamente ligados a questões de justiça ambiental pelos grupos.

ATUAÇÃO DOS PROJETOS



O ESTUDO TAMBÉM DEMONSTROU QUE, EM RELAÇÃO AOS DIREITOS QUE AS MULHERES DEFENDEM E PROMOVEM, A DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL É:



A defesa ou promoção do direito à água ocupa o maior índice. E não é por acaso. As mulheres mantêm uma relação particular com a água e por isso este bem natural está no radar de tantas defensoras. Aproximadamente, um quarto (25%) dos resultados colhidos tem a ver com o direito à soberania alimentar e o terceiro lugar na recorrência dos direitos defendidos e promovidos é compartilhado entre o direito à terra (17%) e o direito de participar nas decisões que afetam as mulheres (17%). Em quarto lugar está o direito à floresta (7%).

Desde o início da Aliança GAGGA é promovida uma campanha anual chamada "Nós, Mulheres, Somos Água", para amplificar as vozes das mulheres defensoras da água.




Nós, Mulheres, Somos Água - Uma campanha global em defesa do que é fundamental

Vanessa Purper


Amplificar as vozes das defensoras da água tem sido uma das marcas da atuação da Aliança GAGGA na América Latina. Desde 2017, a partir de inspirações que vieram da colaboração entre atores GAGGA na região – de maneira especial, das defensoras do meio ambiente – decidimos levar para as redes sociais mensagens-chave sobre a proteção dos ecossistemas aquáticos, há muito ameaçados.

A água é essencial para a sobrevivência de todas as formas de vida no planeta Terra. É um bem comum vital para a humanidade, presente nas atividades sociais, econômicas, culturais e ambientais, portanto, um patrimônio natural de caráter estratégico.



Temos visto afetações sistemáticas e severas nos biomas aquáticos, cometidos em nome de um modelo de “desenvolvimento” que contamina e degrada. Além disso, existe uma conexão entre a exploração e degradação da natureza com a subordinação e opressão das mulheres. Devido às desigualdades de gênero, classe e raça que prevalecem em nossas sociedades, as mais afetadas pelas injustiças socioambientais são mulheres e meninas de populações marginalizadas e empobrecidas em áreas urbanas e periurbanas, comunidades em áreas rurais e comunidades indígenas.

A falta de água atinge as mulheres de forma diferenciada, na forma de violência contra seu corpo e sua vida. As atividades extrativistas, por exemplo, tendem a ocorrer em espaços altamente masculinizados, até militarizados, o que aumenta o risco de mulheres sofrerem violência física e sexual em seus territórios, em decorrência do surgimento de redes de tráfico e exploração sexual. Observa-se que em épocas de seca, para conseguir água, mulheres e meninas costumam caminhar quilômetros no meio do campo, expondo-se a perigos diferenciados nessas viagens pelo simples fato de serem mulheres, principalmente a violência sexual.



A ideia central da Campanha “Nós, Mulheres, Somos Água” é, desde o início, chamar atenção para o importantíssimo papel e as demandas e ações das mulheres na luta pela água limpa, suficiente e acessível, face às mudanças climáticas e projetos de degradação ambiental de governos, investidores e empresas. O objetivo principal é dar visibilidade para a resiliência da organização e das práticas de base comunitária, lideradas por mulheres, além de dar destaque para a forma na qual estas ações das defensoras da água contribuem para uma melhor gestão e manejo deste bem comum, tendo em vista que o acesso à água é estabelecido globalmente como um direito humano fundamental para uma vida decente.

Para marcar nossa presença coletiva nos espaços digitais escolhemos trabalhar com artes gráficas – ilustrações que retratam a relação profunda que as mulheres têm com a água – para além dos aspectos físicos e práticos. Há uma conexão muito forte das águas com a espiritualidade e os ciclos femininos.

“Água e rios para nós são fundamentais desde nossa espiritualidade, território, defesa de nossos direitos individuais e coletivos, bens comuns e natureza”

BERTA CÁCERES, ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES DEFENSORAS DA VIDA CONTRA O EXTRATIVISMO, 2015



Acompanhando a parte gráfica da Campanha, as mensagens são construídas em conjunto, a partir da escuta atenta dos relatos, inquietações e informações trazidos pelas defensoras sobre as afetações nos seus territórios. Essas mensagens são veiculadas nos espaços digitais dos atores GAGGA – fundos, organizações de base, ONGs e no site da Aliança – acompanhados de hashtags específicas, que também são pensadas a partir do nosso desejo de potencializar o alcance das mensagens e comunicar ainda mais a situação e atuação das defensoras.

A Campanha acontece sempre no mês de março, começando no Dia Internacional da Mulher (8 de março) e finalizando no Dia Mundial da Água (22 de março). A cada ano, selecionamos um público específico ao qual queremos nos dirigir com mais força e redigimos um pronunciamento inicial que dá o tom da Campanha anual. As ações da Campanha também alcançam espaços presenciais estratégicos de incidência, como em 2018, quando realizamos duas atividades durante o Fórum Alternativo Mundial da Água, que ocorreu em Brasília, Brasil, em paralelo ao Fórum Mundial da Água. GAGGA levou mulheres defensoras da água de vários países e realizou uma mostra audiovisual e uma roda de conversa sobre as ações de proteção e incidência para uma gestão inclusiva e respeitosa da água.

A escolha do mês de março não é à toa, temos vários dias importantes para ecoar nossas vozes:



8 de março

Dia Internacional das Mulheres



14 de março

Dia Internacional de Ação Contra Barragens e em Defesa dos Rios



21 de março

Dia Internacional das Florestas



22 de março

Dia Mundial da Água

Nos primeiros 5 anos de implementação da Aliança GAGGA (2016-2020) o marco da ação se sustentou no apoio financeiro e no fortalecimento das capacidades para a incidência e defesa de direitos das mulheres em prol de um ambiente limpo, são e seguro. O segundo ciclo da Aliança GAGGA está acontecendo, com início em 2021 e seguindo até 2025, olhando para a atuação das mulheres nas ações pelo clima. Este segundo ciclo ampliou a gama de países onde GAGGA está presente e isso se refletiu também na Campanha “Nós, Mulheres, Somos Água”. A partir de 2021, a Campanha expandiu seu alcance territorial e passou a incluir outros países de atuação GAGGA, tornando-se global.

Nesse novo momento da Campanha, tratamos de incluir a publicação de histórias das lutas das comunidades apoiadas pela Aliança GAGGA na África, Ásia e América Latina, regiões onde a limitada segurança hídrica é notadamente agravada pelas ações de empresas, governos e investidores envolvidos em atividades extrativas, soluções falsas para o clima, desmatamento e agroindústria.

As reivindicações da Campanha de 2021 foram dirigidas para investidores, empresas e governos, com as seguintes demandas:

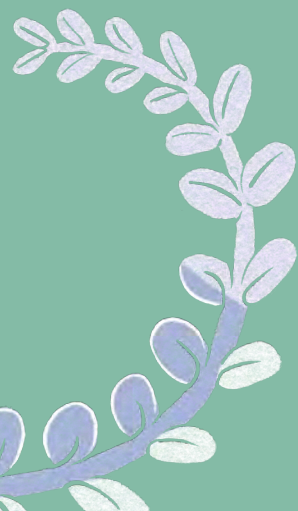


- O desinvestimento em indústrias de combustíveis fósseis que violam o direito das mulheres à água.
- A garantia do direito das mulheres à água por meio de soluções climáticas justas que contemplem gênero.
- As soluções devem ser sustentáveis e culturalmente apropriadas com a contribuição, consentimento e controle das mulheres, povos indígenas e comunidades locais.
- A incorporação das lideranças, práticas e propostas das mulheres ao acesso, gestão, restauração e conservação de água.

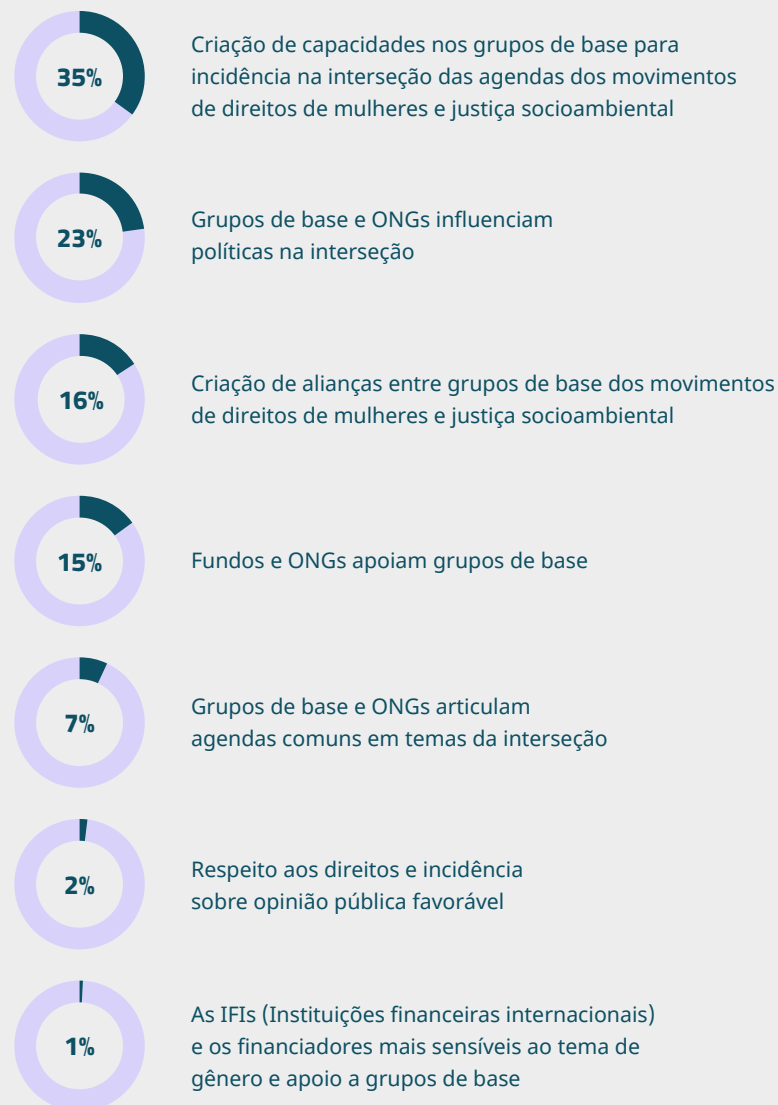
As mulheres são cruciais na defesa de seu meio ambiente, suas famílias, seus corpos e a defesa da água continuará sendo uma prioridade para nós!

A força está na união

Relacionando os resultados inicialmente desejados pela Aliança GAGGA com as percepções e indicações dos grupos de base consultados neste estudo, percebemos que a lógica por trás da abordagem de GAGGA está bastante alinhada com formas possíveis de gerar fortalecimento da sociedade civil e de suas capacidades para o exercício da cidadania e da defesa de direitos - sociais e ambientais. Mais de um terço dos grupos indicaram que se sentem **fortalecidos para fazer incidência na interseção das agendas dos movimentos de direitos de mulheres e justiça socioambiental**. Outro papel importante realizado pelos grupos apoiados é **influenciar as políticas públicas para que considerem os direitos das mulheres e a justiça ambiental** nos territórios onde atuam.



RESULTADOS GAGGA



Mudanças e transformações

A experiência de implementar o modelo proposto pela Aliança GAGGA (intervenção na interseção dos direitos das mulheres e justiça ambiental) aliado à tecnologia social desenvolvida pelo Fundo Casa (pequenas doações estrategicamente interconectadas nos territórios, combinadas com ações de fortalecimento de capacidades) gerou um impacto significativo no alcance dos objetivos da Aliança GAGGA e também para dar conta das prioridades dos grupos de base.

As organizações de mulheres tendem a assumir papéis de liderança diante dos problemas ambientais que suas comunidades enfrentam e buscar soluções que beneficiem todos os seus habitantes. Os grupos de base apoiados no período deste estudo se mostraram eficazes em suas ações de incidência e apoio aos atores locais.

A continuidade do apoio financeiro foi um fator chave para a obtenção de resultados nos processos de incidência liderados pelos grupos de base.

Os representantes dos grupos consultados neste estudo também indicam um valor adicional agregado ao apoio do Fundo Casa: a geração de laços de confiança, essenciais para o trabalho em rede.

O Fundo Casa aposta que fortalecer as capacidades institucionais desses grupos proporciona a ponte necessária para se consolidarem internamente e alcançarem credibilidade perante si e suas comunidades. O aumento da autoestima institucional favorece a busca de outros recursos e parceiros, o que engrandece a rede de defesa dos direitos. Isso em muitos casos é o início de um círculo virtuoso de eficácia, crescimento organizacional e credibilidade (interna e externa) que leva à consolidação desses grupos como atores sociais relevantes em seus contextos.

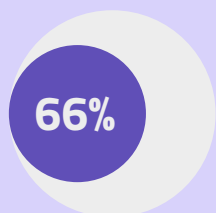
A metodologia utilizada no estudo da relação entre o Fundo Casa e os grupos de base seguiu uma sequência de etapas que incluiu momentos de avaliação quantitativa e qualitativa.

O momento qualitativo envolveu uma colheita e análise dos resultados extraídos dos grupos definidos na amostra, com base na metodologia “Outcome Harvesting” (colheita de resultados) de uma amostra de 40 relatórios finais de projetos selecionados. Também na etapa qualitativa, foram realizadas entrevistas semi-abertas com uma seleção de 10 atores relevantes do processo, incluindo: equipe do Fundo Casa, representantes GAGGA, representantes de organizações apoiadas e atores externos relevantes para o processo.

Os resultados colhidos foram categorizados de diferentes maneiras. Na metodologia Outcome Harvesting, os resultados são entendidos como mudanças de comportamento (isto é, atitudes, ações, relacionamentos, interações) dos atores sociais.

EM 117 PROJETOS:

16.615 PESSOAS BENEFICIADAS DIRETAMENTE



66% (10.990) DESTAS FORAM MULHERES.

55.400 PESSOAS BENEFICIADAS INDIRETAMENTE

Consideramos pessoas beneficiárias diretas aquelas que tiveram relação muito próxima com as atividades dos projetos - tanto na execução quanto alvo das ações. Já as pessoas beneficiadas indiretamente são aquelas que, de alguma forma, usufruem dos resultados e mudanças que os projetos trazem para as esferas onde são implementados.

Ao serem questionadas sobre os tipos de transformações que experienciaram ao receber apoio financeiro e não financeiro através do Fundo Casa, com recursos GAGGA, as organizações indicaram que quase um terço (29%) foram transformações no **fortalecimento dessas organizações**. Essas transformações estão relacionadas a melhorias na infraestrutura e equipamentos, capacitação em questões institucionais (administração, gestão de fundos, recursos humanos), implementação e monitoramento de projetos e questões legais. O segundo grupo importante de transformações (27%) ocorridas nas organizações apoiadas pelo Fundo Casa tem a ver com a criação e/ou fortalecimento de **alianças e redes**. Em terceiro lugar, 1 em cada 4 resultados colhidos tem a ver com o **fortalecimento das capacidades técnicas relacionadas ao cuidado com o meio ambiente**.

TIPOS DE TRANSFORMAÇÕES QUE EXPERIENCIARAM AO RECEBER APOIO FINANCEIRO E NÃO FINANCEIRO

29%

Fortalecimento organizacional (infraestrutura, administração, legalização, monitoramento/avaliação)

27%

Vínculo/fortalecimento de alianças e redes

25%

Fortalecimento de capacidades técnicas - cuidado do ambiente

11%

Fortalecimento de capacidades em incidência política

5%

Outra categoria

4%

Aumento de conhecimento sobre políticas públicas

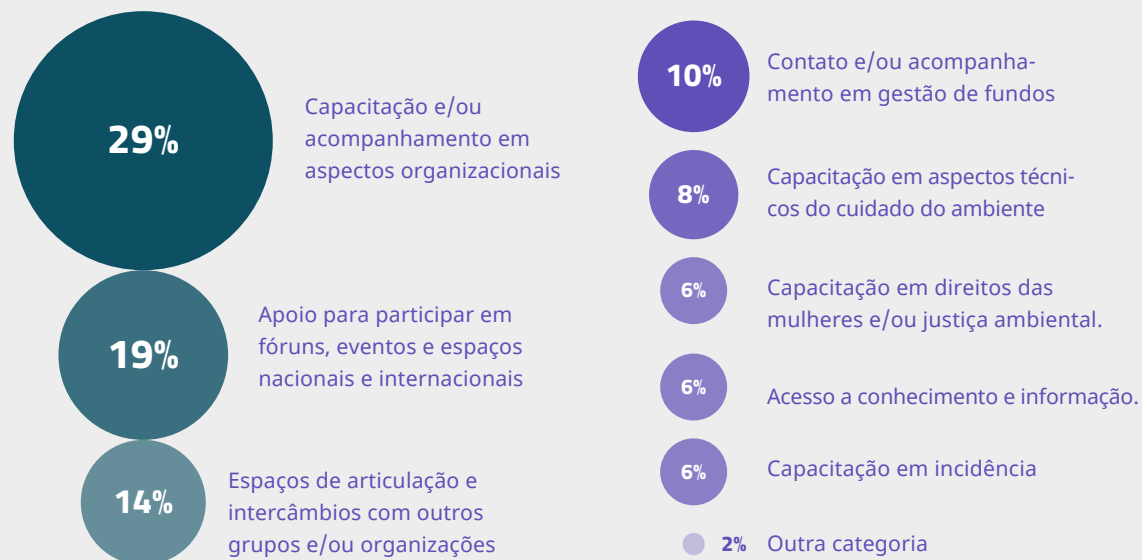
Apoios Não Financeiros

Além do que foi realizado pelos projetos apoiados a partir do recurso recebido, o Fundo Casa promoveu formações e espaços de intercâmbio que pudessem fortalecer as capacidades das organizações e fortalecer as redes locais e regionais. Estes são apoios que, em certa medida, têm a ver com a expansão de capacidades (por exemplo, troca de experiências), mas, principalmente, têm a ver com o **fortalecimento de redes e alianças entre grupos de base.**

Trazemos alguns exemplos das considerações feitas pelos grupos consultados neste estudo no que diz respeito ao **tipo de contribuição não financeira** que foi recebida em função da participação nas chamadas de projetos realizados pelo Fundo Casa, com recursos da Aliança GAGGA.

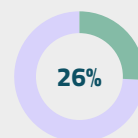
Destacamos a importância dos três primeiros tipos de contribuição, que somados, representam 62% do total: fortalecimento da organização, participação em encontros e eventos e espaço para articulações e intercâmbios. Quando falamos dos grandes impactos que múltiplos pequenos apoios estrategicamente interconectados nos territórios podem gerar, falamos especificamente destas três possibilidades.

Organizações fortalecidas institucionalmente, possuem mais chances de fazer alianças e intercâmbios com outras organizações afins. Participar de eventos e encontros chave para as causas que se defende é imprescindível para ampliar conhecimentos, criar vínculos e reforçar relações de confiança para colaborações conjuntas.

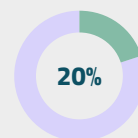


O exercício de coleta de resultados identificou que os atores mais impactados pelos projetos apoiados foram as próprias organizações (ou seus membros), as autoridades locais (municípios, governo local, órgãos locais do governo central) e as mulheres, individualmente. O estudo realizou uma análise mais detalhada dos tipos de mudança que os grupos de base relatam ter alcançado com cada um dos atores mais impactados e elaborou uma caracterização das transformações que ocorreram nestes atores mais impactados, a qual apresentamos a seguir.

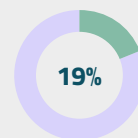
AS PRÓPRIAS ORGANIZAÇÕES (E SEUS INTEGRANTES)



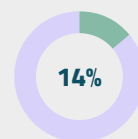
Fortalecidos organizacionalmente (capacidades, estrutura, processos internos, planejamento, gestão financeira, equipamentos etc.)



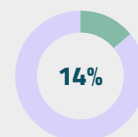
Integrantes dos grupos fortalecem suas capacidades e implementam iniciativas para seu próprio empoderamento econômico



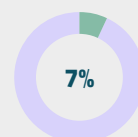
Integrantes dos grupos se empoderam e fortalecem suas capacidades de incidência para defesa de seus direitos



Grupos de base fortalecidos e consolidados através da participação ativa de seus integrantes



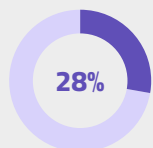
Grupos de base estabelecem novas alianças com mulheres e organizações parceiras



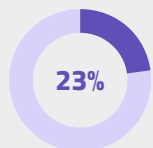
Grupos de base reconhecidos por suas comunidades, autoridades locais e outros atores relevantes



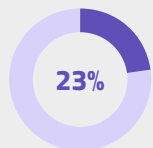
AUTORIDADES LOCAIS (MUNICIPALIDADE, GOVERNO LOCAL, INSTÂNCIAS LOCAIS DO GOVERNO CENTRAL)



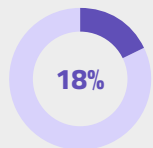
Autoridades locais apoiam ações na interseção das agendas de defesa dos direitos das mulheres e da justiça ambiental, propostas pelos grupos de base



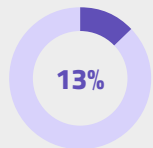
Autoridades locais escutam propostas de mulheres e manifestam interesse em trabalhar junto com os grupos de base



Autoridades locais se envolvem em temas ambientais e incluem esses temas em suas agendas

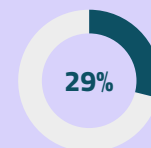


Autoridades locais estabelecem alianças e acordos com grupos de base e outras organizações para avançar a agenda ambiental e de direitos das mulheres

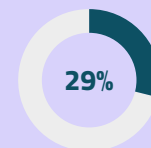


Autoridades locais reconhecem o papel das mulheres e as convidam para participar de espaços que organizam

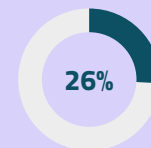
MULHERES



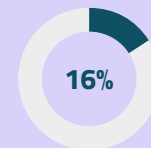
Mulheres empoderadas, com conhecimento e capacidades para participar mais ativamente nas instâncias de tomada de decisão e incidência



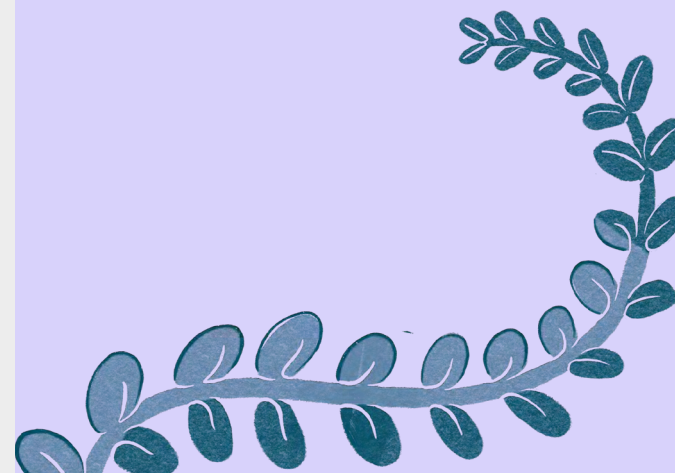
Mulheres e jovens se organizam e concordam com possibilidades de trabalho conjunto em temas ambientais e de direitos das mulheres



Mulheres fortalecem alianças entre elas para se organizarem a nível regional e nacional



Mulheres empoderadas, com conhecimento e capacidades para gerar renda a partir de empreendimentos próprios



A relevância dos processos organizacionais para o empoderamento das mulheres no Paraguai

Ruth Amarilla

Paraguai pré-colonial, mulheres de comunidade

Originalmente, as mulheres guaranis cumpriam uma função essencial em suas comunidades, culturalmente educadas e formadas com a herança de saberes ancestrais, que lhes foram transmitidos de geração em geração, sabiam plantar e cultivar plantas alimentares e medicinais, lidar com a criação coletiva. A riqueza cultural gerava, de certa forma, uma maior colaboração na distribuição das tarefas comunitárias.

“As mulheres indígenas têm um papel fundamental dentro de seus povos na transmissão intergeracional de suas tradições espirituais, da história de seus povos, de sua filosofia e na defesa da terra, do território e dos recursos naturais. Grande parte do patrimônio cultural das comunidades indígenas da região, incluindo o conhecimento da medicina, as propriedades das plantas, sementes e ervas medicinais, a vida animal, tradições orais, desenhos que são aplicados em artes visuais, cerâmicas e têxteis que incluem símbolos ancestrais, foi preservado graças aos esforços das mulheres. Na maioria dos países da região onde vivem comunidades indígenas organizadas, são principalmente as mulheres que preservam a vestimenta tradicional”

(Relatório Comité de Latinoamérica y el Caribe para la Defensa de los Derechos de la Mujer-CLADEM).

Pelo exposto, as mulheres têm demonstrado historicamente sua relação de horizontalidade e construção coletiva nas comunidades originárias.

Paraguai, colonialmente falocêntrico

Com a chegada dos invasores, chegaram também costumes e tradições com fortes raízes patriarcais, que de alguma forma se instalaram durante as ocupações. Os homens originários caracterizavam-se por assumir responsabilidades comunitárias como o fornecimento de alimentos provenientes de coletas e caça, ausentando-se por longos períodos de suas comunidades, a fim de cumprir essas tarefas.

“O fenômeno da chegada dos espanhóis (...) é marcado por profundas divergências culturais. Por um lado, muito firme, o etnocentrismo europeu com sua cultura, língua e religião; e de outro, as populações indígenas (...) com suas respectivas línguas, tradições e crenças. O choque de culturas foi traumático, principalmente para os Povos Indígenas”.

JOSÉ ZANARDINI, LOS PUEBLOS INDÍGENAS DEL PARAGUAY. PAG. 25

“Os conquistadores espanhóis aplicaram na descoberta e conquista dos territórios americanos os métodos de conquista e colonização desenvolvidos durante a Reconquista: uma região é ocupada militarmente, o governo é organizado e a população se converte à religião do vencedor. Em uma luta cruel e desigual, a Espanha triunfa rapidamente. Transplantam-se as concepções políticas, sociais e religiosas da metrópole. Politicamente, se introduz uma autoridade estrangeira no continente. No campo social não há escrúpulos em usar compulsivamente a mão de obra indígena”.

RAFAEL COLOMÉ I ANGELATS, LA ÉTICA DE LA CONQUISTA DE AMÉRICA: REVISTA SELECCIONES DE TEOLOGÍA MORAL 2 (1993) PG. 13

Como dito acima, a invasão no território paraguaio não foi diferente. Os homens tiveram que se adaptar às novas condições, declarar uma guerra em desvantagem ou colocar-se à disposição dos senhores. Embora existam histórias de resistência dos povos originários, de homens guerreiros que a enfrentaram, muitos tiveram que ceder. A cultura imposta foi tomando lugar na vida da população indígena e modificando seu comportamento. O patriarcado arrastava toda uma cultura de outros continentes de dominação e subjugação para as mulheres, fato que estava ocorrendo, nesta fase histórica de invasão, da qual os homens originários foram aprendendo e fazendo parte, em sua maioria. Assim como as mulheres, o homem originário foi adotando novas formas, comportamentos e atitudes, com as quais, como as mulheres, também passou a ter uma nova identidade social.

A guerra da Tríplice Aliança marca um antes e um depois, em que as mulheres e sua participação nesse processo, que durou anos, visibilizadas e elogiadas por sua bravura e coragem, estão presentes em diversos meios de comunicação da época, desde mulheres prestadoras de serviços, ou como objetos de propaganda, até reconstrutoras de uma sociedade totalmente devastada. O que devemos considerar de todo esse desenvolvimento social, político, econômico e cultural é que o homem paraguaio não fundamenta seu poder e domínio, nem suas habilidades de submissão reconhecendo a existência de um sistema opressor milenar e herdado, como é o patriarcado, mas sim sustenta-o com base no “poder do macho”, o falocentrismo claro e declarado na sociedade paraguaia, que é o que estabelece relações de poder, machismo e micromachismos naturalizados no dia a dia e que relega, avilta, despreza e discrimina as mulheres em todas as camadas sociais.

A relevância do empoderamento da organização comunitária de mulheres na atualidade

A história paraguaia é marcada por mulheres que lutaram e continuam lutando, enfrentando as injustiças sociais que nos afetam gravemente nas comunidades e em nível nacional.

Quem anuncia a luta das mulheres em nível geral pode até falar das liberdades conquistadas e das facilidades que temos para a incidência social ou política, mas isso dificilmente acontece no meio rural, onde as conquistas feministas ainda são vistas de longe, pois é uma realidade quase impossível para muitas das mulheres que vivem nas comunidades.

A realidade do campo é outra. Enquanto as mulheres feministas urbanas estão organizadas fazendo reivindicações e empoderando-se em um nível muito mais avançado, as mulheres rurais estão com medo, demonizando tudo relacionado às lutas feministas. Isso abre uma lacuna quase insuportável para quem contribui com os processos das mulheres, o que nos obriga a descer das nuvens conceituais e reconhecer a necessidade de capacitação e conscientização, garantindo um espaço integral enquadrado na horizontalidade, no cuidado e no afeto.

Nossa problemática de mulher rural gira em torno de um círculo vicioso sem fim, a história nos atormentou com costumes, tradições, silêncio e resignação, por isso somos obrigadas a lidar com todo o peso de ser mulher e devemos fazê-lo suportando o sofrimento que isso nos causa.

Regularmente, vítimas de violência doméstica silenciamos e naturalizamos as situações. Há companheiras que assumem que são incapazes e até inúteis para sustentar a si e suas famílias financeiramente, por isso aturam homens violentos que constantemente as subjugam.

Aquelas que decidem mudar são objetos de julgamento, ridicularização e sentenças, o que as faz procurar por outro homem em quem se “refugiar”. Muitas têm limitações demais para avançar, tal como falta de apoio institucional em casos de denúncias de violência, esbarrando em problemas afetivos e emocionais que as levam a um profundo estado de depressão.

Somado a todas essas situações, nos encontramos com uma comunidade submersa e alienada em antivalores capitalistas, individualidade, egoísmo, desinteresse e, portanto, indiferença aos problemas que afetam as mulheres e o meio ambiente.

Impacto e relevância dos pequenos fundos Casa-GAGGA

A gestão e o acesso a pequenos recursos financeiros são fundamentais para as ações desenvolvidas nos processos organizacionais das mulheres. É o que nos dá esperança coletiva, a possibilidade de construir uma nova comunidade onde as mulheres sejam visíveis, antes de tudo para nós mesmas e então para todas as pessoas. A contribuição do Fundo Casa e GAGGA é de grande importância. Nos deu a oportunidade de nos reconhecermos, gerando um espaço de encontro, no qual existem milhares de possibilidades de formação, momentos em que podemos nos ver, conversar, nos questionar, esclarecer nossas dúvidas, crescer afetivamente e saber que estamos amparadas.

A liderança caudilhista sempre foi uma grande limitação para nosso desenvolvimento e crescimento na comunidade, por isso o trabalho é duplo para sustentar a independência e autonomia da organização de mulheres e sua autogestão.

A primeira contribuição Casa-GAGGA serviu para gerar um processo organizacional que rapidamente nos fortaleceu. Nesse período, percebemos que é possível ter um espaço livre para nossa participação, sem sermos julgadas, o que nos deu grande força e posicionamento na comunidade, garantindo as primeiras ações em relação aos direitos das mulheres e incidência na justiça ambiental, conhecimentos fundamentais para resistência. Diferentes atividades da iniciativa foram nos

fortalecendo e, ao final, já tínhamos pilares muito fortes, nos sentimos identificadas individualmente e reconhecidas coletivamente, com conhecimentos adquiridos e elementos para continuar lutando por nossos direitos e em defesa do meio ambiente.

Um segundo apoio durante a pandemia foi decisivo, pois nos deu a possibilidade de gerar uma alternativa econômica: a primeira experiência de produção coletiva e beneficiamento para comercialização, como experiência de resiliência comunitária.

Passamos a ser exemplo para outras mulheres da comunidade e do entorno. Empoderadas e posicionadas, sendo protagonistas de nossa própria construção, compartilhamos nossa experiência com outras organizações de mulheres da área. Em diferentes espaços contamos nossas histórias de aprendizados e experiências em relação à gestão e acesso a recursos, como os de GAGGA, e as possibilidades de crescer e continuar demandando nossos direitos, se nos organizarmos como mulheres.

A experiência nestes processos é tão rica que, além de compartilhar conhecimentos na comunidade, nos tornamos verdadeiras parceiras, contribuindo significativamente para o processo de outras mulheres. Estamos sempre atentas a oportunidades que contribuam para o crescimento organizacional das companheiras, com as quais – juntas – nos desconstruímos e nos reconstruímos, porque sabemos que no mundo existem pessoas e organizações que sonham e anseiam, como nós, um sonho possível.

A importância e a relevância de saber que continuaremos nos apoiando e defendendo nossas vidas e corpos, bem como nosso território e o meio ambiente, é o que nos fortalece e nos dá coragem para continuar lutando: a justiça é possível.

Nosso processo organizativo avança e a experiência se espalha para outros lugares, iniciando processos, com a mesma esperança, com a força e o poder de ser mulher, com sonhos no horizonte e compromisso à flor da pele, porque nós merecemos!



GAGGA e o Fundo Casa: profundas mudanças internas

Nossa participação na Aliança GAGGA trouxe novos olhares e novos desafios para o Fundo Casa. A partir dessa relação, passamos a repensar nosso olhar e nossas ações no que diz respeito à justiça de gênero e sua estreita relação com a justiça socioambiental. Sempre estivemos atentos ao papel importante que as mulheres desempenham nas questões de proteção da terra, do território e da vida, de modo geral. Porém, ainda não tínhamos tido a oportunidade de nos aprofundarmos neste universo diverso e, por vezes, controverso: o que é justiça de gênero para nós, no nosso país, na nossa região? Como os grupos com os quais nos relacionamos levam em consideração a relação com as mulheres, para além da mera participação delas nas atividades das comunidades?

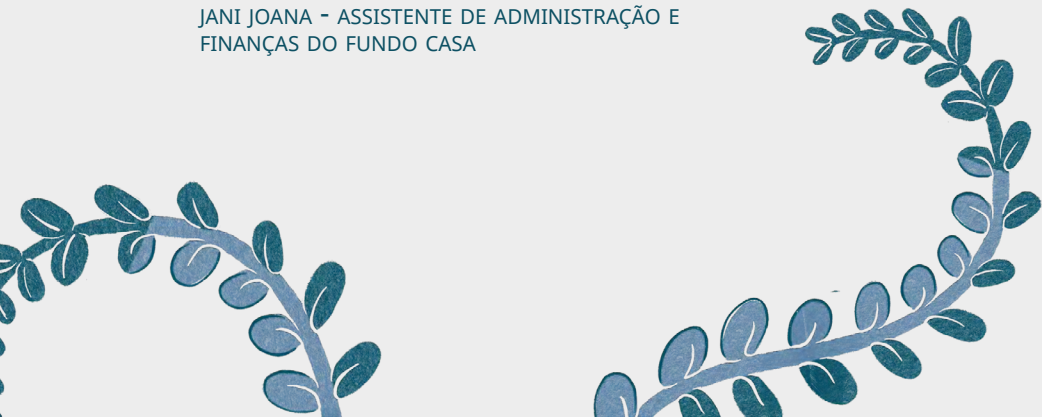
Nos sentimos convidados a repensar nossa forma de abordar os critérios das chamadas de propostas em todos os programas que mantemos. Passamos a incorporar as questões de gênero de forma mais profunda e ampla, em todos os âmbitos das relações institucionais.

Nosso olhar e nosso agir foram transformados a partir da nossa relação com GAGGA e sentimos que ganhamos muito com isso. Aprimoramos nosso olhar e nossas relações e sentimos que, de alguma forma, esse aprimoramento se estende aos diversos círculos por onde atuamos.

Internalizar os aspectos de justiça de gênero traz força para o tipo de grantmaking desenvolvido pelo Fundo Casa, especialmente no incansável trabalho de sensibilização do campo da filantropia para a justiça socioambiental que realiza, desde seus primórdios. Acreditamos que muitos microapoios, estrategicamente interconectados e bem distribuídos pelos territórios, com recursos financeiros e não financeiros depositados diretamente nas mãos das mulheres defensoras ambientais, possuem infinitamente mais capacidade de transformação social do que grandes valores concentrados em poucas organizações intermediárias - que na maior parte das vezes desconhecem as reais necessidades e realidades dos territórios, não reúnem saberes ancestrais e tradicionais e, o pior de tudo, não vivem na pele as injustiças socioambientais.

// Minha vida recomeça em 2019, precisamente no dia 16 de setembro, marcado pelo nascimento da minha filha e o começo da minha história com o Fundo Casa. Hoje a palavra é gratidão, ao universo e todos vocês! Lá atrás, quando Amália plantou essa sementinha, de uma maneira ou de outra, tudo conspirou para colhermos esse fruto neste momento! Sinto imensa alegria por todo apoio que o Fundo Casa me oferece. Sou grata por acreditarem em mim quando nem eu mesma acreditava. Eu era uma menina perdida com uma filha pequena, recém separada. Nunca vou esquecer da mão amiga que recebi! E a mulher hoje em construção não poderia ter exemplos melhores do que é equidade de gênero, defesa de direitos, justiça ambiental e resiliência. No meu trabalho, a Aliança GAGGA é fonte de inspiração diária para o ampliar conhecimentos e realizar minha formação como uma cidadã melhor, uma jovem que almeja um mundo mais justo e que está trabalhando nisso todo os dias. O Fundo Casa apoia sonhos, como é maravilhoso fazer parte disso e ver a transformação da realidade de muitas pessoas e comunidades!

JANI JOANA - ASSISTENTE DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS DO FUNDO CASA



// Poder contribuir com a comunicação da Aliança GAGGA é sempre um prazer e também um aprendizado. Ao longo dos últimos anos pude acompanhar a campanha Nós, Mulheres, Somos Água, realizada nos meses de março, quando compartilhamos histórias de luta das mulheres que fazem parte dos projetos apoiados pela iniciativa. Também tive a oportunidade de visitar projetos na Bolívia e no Paraguai para a produção de pequenos documentários institucionais. Essas experiências me ajudaram a entender a urgência de debatermos a transversalidade da causa de gênero na América do Sul. Para nós, homens, a escuta e atenção às pautas de gênero são fundamentais, e isto fez parte de minha experiência trabalhando com GAGGA. Ainda há um longo caminho a ser percorrido quando tratamos de justiça ambiental e igualdade de gênero, mas as iniciativas apoiadas pela Aliança GAGGA nos mostram qual direção devemos seguir nesta jornada.

ATTILIO ZOLIN - COORDENADOR DE COMUNICAÇÃO DO FUNDO CASA





5 ANOS DE GRANDES RESULTADOS



Um fundo socioambiental para a Bolívia e o nascimento da Alianza Socioambiental Fondos del Sur

Maria Amália Souza e Eduardo Franco Berton

A Bolívia é um dos 15 países mais megadiversos do mundo. A variedade de condições biogeográficas do país o privilegiou com vários tipos de ecossistemas e uma diversidade étnica e sociocultural muito importante, com uma riqueza de 36 povos indígenas que habitam territórios de importância global. Essas extensas ecorregiões vão da Cordilheira dos Andes aos Vales, passando pela selva amazônica e pelo Gran Chaco Americano.

Mas também a Bolívia está passando por uma fase muito complicada do ponto de vista socioambiental. A expansão do agronegócio como um dos principais modelos de desenvolvimento econômico, mineração e grandes projetos de infraestrutura, estão contribuindo para a contínua deterioração dos recursos naturais, colocando em risco a saúde ambiental e ameaçando os direitos fundamentais das populações indígenas e comunidades rurais que lá habitam.

Em 2020, a Bolívia ficou em terceiro lugar no mundo em desmatamento, derrotando a Indonésia pela primeira vez. Fato que representa uma séria ameaça aos mais de 50 milhões de hectares de florestas do país. E é o reflexo de uma economia nacional com uma dependência alarmante baseada no extrativismo dos recursos naturais.

Assim, em uma busca constante pela equidade e gestão sustentável de nossos ecossistemas e pelo fortalecimento dos grupos comunitários que os habitam, foi criada a Fundação Socioambiental Semilla, um fundo socioambiental cuja missão é contribuir para a conservação do meio ambiente e promover a produção sustentável, fortalecendo as capacidades de liderança e gestão da sociedade civil na Bolívia.

Um dos atributos de nossa organização é que nasceu do mesmo movimento ambientalista boliviano. Assim, graças à experiência anterior de seus membros fundadores, Semilla conseguiu construir relações de confiança com diferentes comunidades e grupos indígenas em diferentes regiões do país, permitindo que a instituição tivesse uma sólida compreensão do contexto local.

Inspirados e guiados pela experiência de mais de 15 anos do Fundo Casa Socioambiental na América do Sul, na Fundación Semilla criamos uma estrutura de financiamento que consegue contribuir para sanar as necessidades das comunidades e grupos de base na Bolívia através de apoio filantrópico local, nacional e internacional. De outra maneira seria muito difícil acessar estes recursos e permitir que esses grupos de base encontrem soluções locais próprias para os principais desafios em seus territórios.

Isso é possível graças à uma dinâmica de consultas a uma rede de especialistas em diferentes áreas, cuja vasta experiência nos ajuda a alocar recursos econômicos em um nível muito importante da sociedade.

Tecendo redes do coração da América Latina ao Sul Global

A Fundación Socioambiental Semilla cobre toda a Bolívia e está presente em ecossistemas transfronteiriços, como o Gran Chaco Americano, Chiquitania, Amazônia e Andes, entre outros. Foi assim que, desde o início, percebemos a importância de estabelecer uma aliança com outros fundos socioambientais da região, que tenham capacidade de atingir os grupos de base mais vulneráveis de seus países.

Nesse sentido, Semilla se interessou em fazer parte da Aliança Socioambiental Fondos do Sul (Alianza Socioambiental Fondos del Sur), uma nova rede que reúne fundos socioambientais independentes, fundados e liderados localmente, em diferentes regiões do Sul Global.

Assim como Semilla, a intenção desses fundos é apoiar grupos comunitários nos diferentes biomas e ecossistemas transfronteiriços de seus países, a fim de obter uma combinação de apoio que promova, sistemicamente, a proteção integral e regional dos ecossistemas da América do Sul e outros países do Sul Global.

Os outros Fondos do Sul também foram criados por ambientalistas e ativistas locais que acreditam firmemente que a única maneira de proteger nosso planeta é disponibilizar recursos oportunos para apoiar grupos de base que enfrentam o impacto negativo da

devastação ambiental. E, ao mesmo tempo, propor alternativas justas e sustentáveis para proteger os direitos e os territórios das comunidades em todos os ecossistemas.

Cada fundo socioambiental da Aliança Fondos do Sul contém suas próprias estruturas de desembolso de doações em nível nacional ou regional, criadas em diferentes países do Sul Global, administrados coletivamente por ambientalistas em seus países e regiões.

A Aliança reúne fundos socioambientais com larga experiência, como o Fundo Casa Socioambiental do Brasil, o Fundo de Ação Solidária do México, o Fundo Tierra Viva da América Central e o Instituto Samdhana do Sudeste Asiático. Que aderiram à Aliança inspirados na criação de cinco novos fundos, como são a Fundación Semilla na Bolívia, o Fondo Socioambiental Peru, o Emerger Fondo Socioambiental na Colômbia, o Fondo Ñeque no Equador e o Fundo Tindzila em Moçambique.

O que eles têm em comum é que esses fundos socioambientais entendem que as populações mais vulneráveis diante dos desafios ambientais são também as mais excluídas, têm seus direitos constantemente violados e, em sua maioria, são invisíveis à filantropia internacional.

Qual é a importância dos Fundos Nacionais para o fortalecimento das organizações comunitárias?

Uma vez que cada fundo nacional cria as suas próprias estruturas de financiamento a nível nacional e/ou regional, que são geridas de forma independente, cada um deles é responsável por mobilizar recursos de múltiplas fontes e por definir os mecanismos adequados para garantir que as doações cheguem às mãos das comunidades.

Assim, estruturas de tomada de decisões coletivas e participativas responsabilizam as equipas dos países por fornecer doações estratégicas diretas, em moeda local, para grupos locais. Aqueles que, de outra forma, teriam possibilidades mínimas de acessar qualquer outro tipo de recurso filantrópico.

Contribuições da Aliança para o campo da filantropia

A Aliança Socioambiental Fundos do Sul ajuda os nove fundos participantes a coordenar e promover suas causas individuais e coletivas com mais eficiência. É assim que os fundos membros desta aliança podem compartilhar nossos modelos de concessão de recursos e ajudar uns aos outros com novas ideias e procedimentos. E também, combinar nossas experiências para o desenvolvimento de narrativas mais sólidas, que descrevam o papel dos fundos locais no campo da filantropia, bem como descrevam nosso papel perante os doadores ambientais no campo da conservação.

Desta forma, desenvolvemos propostas conjuntas com abordagens temáticas específicas de financiamento, coordenação de financiamento para regiões transfronteiriças, produção de informação para mapear e monitorar o impacto, para nos fortalecermos no campo local e sermos mais visíveis no campo da filantropia internacional.

Em suma, uma ideia que nasceu da observação de campo, por atores do mesmo campo, e com base em anos de experiência, originou uma onda inovadora no mundo - a multiplicação de fundos socioambientais locais, formados por pessoas locais, parte de sua própria cultura, criando caminhos mais acessíveis para as comunidades locais, que não imaginam que o universo da filantropia existe, e que ao mesmo tempo são invisíveis a esse universo, e que agora podem finalmente acessar recursos para promover suas soluções para proteger seus modos de vida e territórios.

Finalmente, esse processo possibilita não apenas a democratização do acesso aos recursos filantrópicos em países como os nossos, onde essa cultura está apenas nascendo, mas também nos ajuda a promover esse mesmo campo, para que cresça e entenda que, para proteger importantes biomas e ecossistemas do planeta, não há outra forma senão investir recursos nos modos de vida das populações tradicionais dos territórios, de forma ampla, ágil e descentralizada. Esse investimento deve estar baseado numa visão e compreensão profunda das culturas locais, capazes de reagir em tempo hábil, de forma eficaz e sistemática. Observar o macro, agir no micro - uma acupuntura social que estimula muitas soluções desde a raiz, fazendo com que juntas promovam a proteção necessária para continuarmos vivendo de forma plena e justa, incluindo a todos os seres que habitam este mundo.

Trilhas para o amanhã

Amália E. Fischer e Shinji Carvalho

O aqui e agora

Os seres que povoam a Terra, humanos e não humanos, estão passando por momentos sombrios, uma crise climática sem precedentes a nível global: desmatamento, aumento das terras agrícolas, mudanças climáticas, aquecimento global, com implicações na saúde, na segurança alimentar, escassez de água, propagação de doenças já existentes e novas devido à invasão de humanos em ambientes silvestres.

O caminho até aqui é conhecido, uma expansão de produção e de consumo como se os recursos não fossem finitos; o domínio e a desapropriação dos recursos naturais, das terras tradicionais, dos saberes, e do trabalho das pessoas negras, indígenas e das mulheres.

Mas nesta crise climática em 2020, tal como tinham previsto cientistas, se propaga na Terra um

vírus, o COVID-19, que gera uma pandemia, agravando outras crises já existentes como a econômica, a política, a de saúde pública, social, educativa etc., deixando a descoberto o que tanto movimentos sociais e organizações da sociedade civil têm analisado, debatido e denunciado: a desigualdade, as discriminações, as injustiças socioambientais que afetam ainda mais as mulheres, em particular povos originários, afrodescendentes, pobres e a população LGBTQIA+.

Dados da ONU Mulheres (www.bit.ly/3uErHmk) falam que em 2018, apenas 15,7% dos projetos do Global Environment Facility realizaram uma análise de gênero antes de sua aprovação. 40% dos países têm pelo menos uma restrição ao direito à propriedade das mulheres. 3,8 milhões de pessoas todos os anos, a maioria mulheres e crianças, são mortas pela poluição do ar causada pelo uso de energia impura para cozinhar e aquecer em domicílios. O meio ambiente e o trabalho das mulheres são tratados como recursos infinitos e desvalorizados, embora sejam a base para todas as economias.

O Brasil é um dos principais emissores de gases efeito estufa do mundo. No país, as principais causas de emissão de gás efeito estufa são a agropecuária e a mudança de uso da terra e florestas, seguida do uso de energia (na qual se destaca o uso de combustíveis fósseis).

O avanço ilegal da agropecuária e o desmatamento estão relacionados à desapropriação de povos originários, quilombolas, pequenos produtores rurais e assentamento, que frequentemente atuam como guardiões ambientais, sendo que a liderança das mulheres nesses grupos é essencial. São também as mulheres desses povos e grupos que frequentemente sofrem violência com requintes de crueldade ao defender seus territórios.

Em áreas urbanas, grupos liderados por mulheres também se destacam em ações que aumentam a resiliência das comunidades aos efeitos do aquecimento global como inundações, secas e deslizamentos. Ações por mobilidade mais inclusiva e mudança de formas de consumo são parte do universo de novas narrativas e atitudes propostas por essas mulheres que desafiam a lógica patriarcal que invisibiliza os trabalhos de mulheres e da natureza e que propõe a produção e o consumo infinitos.



As incertezas

O Planeta Terra vive há quase 2 anos um colapso dos vários sistemas públicos de saúde causado pelo COVID-19, que matou milhares de pessoas e ameaça matar mais. Nossa vida diária foi interrompida, transformada por um agente externo e estranho. Estamos de volta à incerteza.

A incerteza que faz parte da vida hoje é percebida mais claramente. Como diz o ditado, “a única certeza que temos é que um dia morreremos”, mas o tempo todo fazemos o possível para nos iludir, para não admitir a incerteza. O tempo no início da pandemia parecia ter parado, houve em alguns setores da sociedade uma desaceleração da vida ao redor do mundo.

Atualmente, vivemos com a incerteza de quem vai viver e quem vai morrer, medo de perder entes queridos, colaboradores, companheiros, temor do desemprego, de perda de sustento. A economia mundial está em uma crise profunda, os preços de tudo estão no auge, a inflação é global e, obviamente, local também. Como diz a filósofa feminista brasileira, Carla Rodrigues, em uma pequena nota em seu Facebook: “o futuro é hoje mais do que nunca uma promessa”.

Em menos de 6 meses, a COVID-19 destruiu tudo no que acreditávamos: espaço, tempo, percepções sociais, políticas, econômicas e financeiras, psique, cidades, campo, países, governos etc. O vírus tem sido capaz de fazê-lo porque estamos inescapavelmente interligados, o que afeta alguns afeta a todos. Como o exemplo do movimento das asas de borboleta na floresta amazônica que pode causar um furacão na Flórida.

Estamos interligados, como humanos somos interdependentes, mas economicamente e financeiramente também somos codependentes. Aí reside um problema muito importante porque a interdependência nessa lógica foi aprisionada em estruturas de subjugação e controle. E é o que os países do Sul Global têm vivido sob o capi-

talismo global integrado que, em sua versão neoliberal, sob suas políticas econômicas e financeiras, tem causado autoritarismo extremo; perseguições; morte de defensores dos direitos humanos, civis, socioambientais, indígenas, populações negras, LGBTQIA+ etc. Essas políticas permitiram a construção de narrativas de ódio, racismo, sexismo, homotranslesbofobia, misoginia, extermínio de seres humanos e não humanos, o que colocou em risco tanto as jovens pseudodemocracias quanto as mais consolidadas existentes no planeta.

E hoje, pela mão humana, sua interferência irracional na natureza, ambição excessiva de lucro, ego, etnocentrismo, uma pandemia espalhada por um vírus causado pelo avanço humano sobre a ambientes naturais, estamos morrendo. A Covid tem deixado tudo o mais sombrio da humanidade a descoberto, mais do que nunca, coloca tudo nu, especialmente desigualdades, pobreza, preconceitos e injustiças.

Mas também o mais luminoso dos humanos como solidariedade, empatia, amor, consciência. Hoje, que estamos mais cientes de nossa interdependência, é muito importante ouvir os povos originários, os movimentos feministas, de direitos socioambientais que nos falam sobre a importância de viver em colaboração, sobre a estreita relação entre seres humanos e não humanos, o que, talvez, nos permitirá sobreviver como espécie.

O amanhã

A falta de entendimento e de conhecimentos para a construção de um mundo pós-pandemia torna muito difícil fazer análise futurista, e isto nos produz angústia, desolação e desesperança. Contudo, os movimentos sociais e especialmente as organizações de mulheres têm resistido há mais de 21 séculos de patriarcado, e as mulheres indígenas, negras e quilombolas têm acumulado conhecimento milenar em 500 anos de enfrentamento ao colonialismo e à necropolítica.

A resposta filantrópica para a sobrevivência que diversas comunidades e movimentos deram à pandemia foi, em geral, rápida, criativa, inovadora, solidária, generosa e colaborativa. O ecossistema filantrópico se deu conta que devia confiar nas soluções e decisões das organizações comunitárias, nos territórios, o que implica doar, fazer fomento de forma flexível para fortalecer a essas formas organizativas que sabem, conhecem as necessidades das comunidades, dos territórios.

Mas sabemos que estamos em uma encruzilhada sem precedentes. Se a Covid nos fez agir pensando na emergência, hoje sabemos que temos cerca de dez anos para agir e impedir uma hecatombe climática fatal para a humanidade como a conhecemos. Mas temos que começar ontem para conseguirmos manter o aquecimento global abaixo dos 1.5°C necessários para nossa sobrevivência.

Assim, o futuro está mais incerto do que nunca e precisamos apostar na possibilidade de mudança, que seja responsável em termos de gênero, raça, etnia, classe, orientação sexual e do meio ambiente.



Sabemos que mulheres estão entre as mais afetadas pela mudança climática, mas também sabemos que a liderança e protagonismo das mulheres é chave para deter o aquecimento global, segundo Balgis Osman-Elasha no artigo “Women... in the shadow of climate change” – UN Chronicle.

Nesse contexto, temos GAGGA (Global Alliance for Green and Gender Action), da qual o ELAS+ participa pela primeira vez em 2021. GAGGA é uma colaboração estratégica, a partir dos conhecimentos e experiência adquiridos desde suas raízes de dois movimentos sociais: o dos direitos das mulheres e o da justiça socioambiental. Os dois movimentos possuem enorme capilaridade, chegando nas comunidades com rapidez e compreendendo profundamente os desafios dos territórios.

Desde 2016, GAGGA está transformando a forma de fazer filantropia no mundo. Onde o centro das soluções está baseado na comunidade, nos territórios, para problemas provocados por um sistema focado no lucro extremo, sobre exploração das pessoas e do meio ambiente, inclusive chegando ao trabalho escravo, perseguição e morte de defensoras de direitos. GAGGA apoia e acompanha organizações comunitárias lideradas por mulheres na África, Ásia e América Latina.

Em 2021, GAGGA nos permite criar a Carta Convite Mulheres e Justiça Ambiental, e assim apoiar diretamente com recursos flexíveis oito grupos liderados por mulheres e pessoas LBT+ nessa temática. São grupos das cinco regiões do país, liderados por mulheres indígenas, negras, e LBT+, parte de diversas interseccionalidades, advindas de territórios indígenas, quilombolas, dos rios, das florestas, do campo, assentamentos rurais e periferias urbanas.

Esses grupos, além do apoio financeiro, passam a compartilhar espaços garantidos para os grupos apoiados pelo maior programa do ELAS+, o Mulheres em Movimento, um programa flexível, com espaços dedicados para o fortalecimento de movimentos e de capacidades, e que, em 2021, realiza o maior edital da história do ELAS+, selecionando ao menos 80 grupos para sua composição.

Os grupos apoiados irão participar das atividades de construção de movimentos em conjunto com o programa Mulheres em Movimento, e assim ter a possibilidade de formar redes e alianças com um amplo espectro de movimentos. Dessa forma, pela nossa experiência, outros grupos dentre os 80 do programa Mulheres em Movimento incluirão temas de defesa do meio ambiente em suas pautas.

Os grupos apoiados também participarão de espaços de imersão com financiadores, especialistas e outros ativistas, possibilitando o fortalecimento de suas capacidades e de suas instituições.

Nosso vislumbre de futuro é uma sociedade civil fortalecida, plural e diversa, presente nos espaços de tomada de decisão e que possa atuar com segurança em seus campos. Por isso que reforçamos nosso apoio para o protagonismo de mulheres e pessoas LBT+, sobretudo aquelas em diversas intersecções de gênero, classe, etnia, raça, orientações sexuais e justiça socioambiental.

Por isso, seguimos a construir cotidianamente uma nova filantropia, baseada nas necessidades dos territórios, das comunidades, na colaboração entre diversos atores, atrizes, parceiros financiadores, apoiadores, na horizontalidade das formas de apoiar e se relacionar com as diversas formas organizativas das mulheres que vêm do Sul Global e continuará a orientar GAGGA.

É importante enxergar que as organizações da sociedade civil não são empresas nem corporações, mas sim aquelas que não têm o lucro como finalidade. Elas não podem ser geridas com os parâmetros dos modelos corporativos, envolvendo as mesmas metodologias de medição de resultados empresariais e de execução de projetos.

É importante que confiemos na sabedoria, no conhecimento das organizações e grupos da sociedade civil, que conhecem suas comunidades, seus territórios, seus movimentos, e suas causas. Elas são realmente as que sabem o que querem, o que precisam e como mudar suas realidades.

Com base em nosso trabalho e no que temos conversado, as inspirações de futuro para os próximos 10 anos para

GAGGA que trazemos são:

- Aumentar incidência para que mais países sejam contemplados. E para que o apoio para enfrentar o impacto e consequências pós-pandemia seja contínuo, pois serão necessários mais de 10 anos para reconstruir os países do Sul Global, (reconhecendo) que as mulheres dentro da justiça socioambiental são fundamentais para a reconstrução das sociedades e a preservação do meio ambiente.
- Ampliar os recursos materiais e imateriais para fortalecer os direitos das mulheres e a justiça socioambiental
- Ampliar a colaboração do ecossistema filantropo, das ONG's, convidando fundações, fundos e institutos nacionais e internacionais, assim como organizações de direitos das mulheres e de defesa da justiça socioambiental e também universidades para realizar pesquisas e construir entre todos os parceiros métricas e formas avaliativas próprias e não dentro da lógica empresarial de eficiência, eficácia e resultados imediatos. As transformações sociais demoram em acontecer porque devem provocar mudanças de mentes, corações e comportamentos
- Evidenciar fontes causadoras de gases efeito estufa e degradação ambiental como as mudanças do uso do solo, a agropecuária e o desmatamento.
- Continuar a fortalecer narrativas que contemplem uma maior diversidade e interseccionalidade de grupos de base e que são chave para a justiça climática e ambiental, como a defesa de territórios, de modos de vida tradicionais e do bem viver.
- Ampliar as ações comunicativas de GAGGA, um modelo muito importante, especialmente pós-pandemia, de grande interesse do ecossistema filantrópico e pode ser replicado em outros âmbitos que vão além da parceria entre direitos das mulheres e direitos socioambientais.

O privilégio de aprender com as defensoras dos direitos ambientais

Tamara Mohr


Há mais de 30 anos, trabalho para Both ENDS, uma organização global fundada em 1986 na Holanda que tem como objetivo fortalecer a sociedade civil, conectando temas sociais, ambientais, de desenvolvimento e de direitos humanos.

A Both ENDS sempre buscou as formas mais efetivas de chegar até os grupos mais vulneráveis e marginalizados. Por isso estamos envolvidos desde os anos 90, no apoio à criação de fundos em todo o mundo. Fundos que são iniciados, desenvolvidos e administrados por parceiros, muitas vezes ativistas ambientais.

O Fundo Casa Socioambiental é um grande exemplo. Fundos que canalizam apoio financeiro e não financeiro para comunidades e defensores dos direitos humanos ambientais; conectam grupos para fortalecer-se entre si e investir em vínculo e aprendizado como parte de sua expertise. Durante a pandemia da COVID-19, testemunhamos claramente sua função e capacidades únicas. Esses fundos foram extremamente flexíveis e rápidos para responder às necessidades das comunidades e das mulheres mais vulneráveis, em localidades remotas e que não se beneficiaram de nenhum apoio de emergência governamental ou internacional.

Em 2014, tivemos a oportunidade de fortalecer o apoio a estes fundos e ampliar nosso alcance unindo forças com Mama Cash, o primeiro fundo internacional de mulheres, que apoia o fortalecimento desses fundos em todo o mundo, e com o Fundo Centroamericano de Mulheres (FCAM) que tem uma trajetória impressionante como fundo em sua região. Conjuntamente, construímos GAGGA - Global Alliance for Green and Gender Action, uma oportunidade única para vincular e buscar sinergias entre dois movimentos: o de justiça ambiental e o de direitos das mulheres, já que GAGGA inclui fundos especializados em ambos. Do valor total de recursos financeiros mobilizados, quase 23 milhões de euros foram distribuídos por 20 fundos no Sul Global em 5 anos, beneficiando mais de 400 Organizações de Base Comunitária (OBC), além de estimular e criar espaços para o diálogo e intercâmbio de conhecimentos e experiências em vários níveis, o que levou a muitas lições aprendidas, para as organizações envolvidas e para mim, pessoalmente. Eu gostaria de compartilhar algumas.

Em primeiro lugar, de diferentes ângulos, nós, como parte desses dois movimentos – ambiental (Both ENDS) e de mulheres (FCAM e Mama Cash) – identificamos que enfrentamos desafios muito semelhantes, mas muitas vezes ainda atuamos de forma isolada. E embora todos concordemos que é muito necessário unir forças, isso não acontece assim. Para sair e superar o isolamento era preciso encontrar um forte denominador comum. Isso foi constatado na sobreposição de necessidades de ambos os movimentos, traduzida no objetivo estratégico da primeira fase do programa GAGGA (2016-2020): “catalisar o poder coletivo dos movimentos e grupos de mulheres e de justiça ambiental para a criação de um mundo onde as mulheres desfrutem e exerçam seu direito à água, comida e um ambiente limpo, saudável e seguro”.



O programa gerou a oportunidade para que os fundos de justiça ambiental e as organizações comunitárias investissem em incorporar ou integrar ainda mais os direitos das mulheres em suas próprias organizações, seu trabalho com as defensoras do meio ambiente e seu trabalho de influenciar políticas. E ao mesmo tempo que os fundos pelos direitos das mulheres e seus parceiros fortalecessem seu vínculo com a justiça ambiental.

Em segundo lugar, nos demos conta, como Both ENDS, de que muitas das organizações ambientais parceiras são, geralmente, dirigidas por homens. E que isso implica que não incluímos a força, o conhecimento e as ideias das mulheres para alcançar conjuntamente um mundo mais sustentável e equitativo.

Também percebemos que o programa GAGGA, que durou 5 anos, nos deu o tempo necessário para realmente investir na incorporação dos direitos das mulheres em nosso trabalho de justiça ambiental. Isso não é facilmente alcançado em um projeto de 1 ou 2 anos, apenas incluindo

gênero como um elemento ou um parágrafo. Isso é fundamental, pois “não se pode simplesmente adicionar mulheres e agitar”, uma das citações interessantes da autora e ativista feminista norte-americana Charlotte Bunch, com as quais nos familiarizamos através deste trabalho conjunto. As mulheres devem fazer parte do processo de definição de ideias e ações, suas próprias prioridades e ter um papel central na implementação. Ao incorporar os direitos das mulheres no trabalho de justiça ambiental, você obtém uma agenda diferente, um diálogo diferente e uma maneira diferente de discutir problemas e soluções. Por exemplo, dedicar tempo a rituais que fazem parte da cultura antes de discutir conteúdos, ou dar apoio psicológico a defensoras que vivem em locais de conflito.

GAGGA forneceu aos fundos de justiça ambiental a oportunidade e o tempo para analisar cuidadosamente o papel das mulheres nas lutas e projetos ambientais. Como as mulheres são afetadas de forma diferente em comparação com os homens?

Como fazemos suas vozes serem ouvidas? Como garantimos que as iniciativas que apoiamos sejam benéficas para as mulheres e lhes proporcionem um papel fundamental? Reconhecemos quão semelhantes são nossas lutas e como é importante unir forças e compartilhar nossos conhecimentos e estratégias? E aos poucos ficando mais fácil nos entender, uns aos outros e desenvolver e implementar ações conjuntas.

Aprendemos que as organizações ambientais envolvidas com GAGGA tiveram um ponto de partida diferente. Alguns perceberam pela primeira vez que nunca haviam realmente olhado para as mulheres. Outros gostariam de investir na melhoria da implementação de sua política institucional de gênero existente. Todos definiram onde achavam que a melhoria era necessária e onde se concentrar.

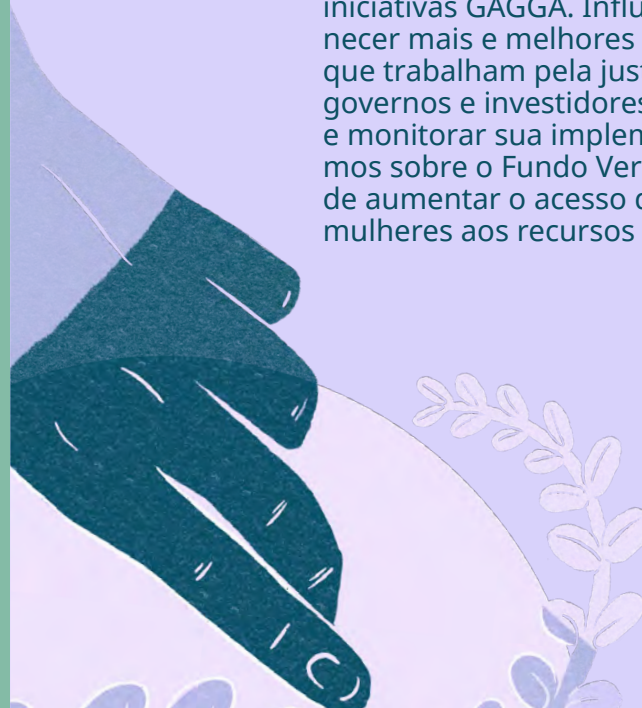
Não existe um único manual, plano ou fórmula mágica.

Em 2020, a Both ENDS e seus parceiros documentaram várias experiências e aprendizados de parceiros. Nós os publicamos em “Incorporando a justiça de gênero na ação ambiental: por onde começar?” que oferece 10 recomendações-chave para organizações ambientais que desejam intensificar seu trabalho em prol da justiça de gênero. Cada recomendação é acompanhada por uma experiência concreta de uma organização parceira da Both ENDS, muitas das quais participaram do programa GAGGA. A publicação fornece algumas sugestões sobre: por onde começar; como traduzir suas ambições organizacionais em ações concretas; como ajustar sua abordagem e seu trabalho diário.

Então, como aprendizado, identificamos, a partir da troca de informações sobre o tipo de iniciativas que apoiamos, que os fundos de justiça ambiental, assim como os fundos de direitos das mulheres, apoiam iniciativas muito semelhantes. As defensoras dos direitos humanos do meio ambiente em nível comunitário não fazem distinção entre ‘mulheres’ e ‘meio ambiente’. Em suas vidas e lutas tudo está interligado. Parece que quanto mais distante da realidade, mais divididos os temas. Nós, ambientalistas, tendemos a focar em questões específicas e, de acordo com a moda do momento, investimos atenção e recursos. A nível internacional, desde a ONU, ministérios, doadores ou ONGs, nos especializamos e nos concentramos em questões como resíduos, água, terra, saúde, poluição ou biodiversidade. Para as mulheres defensoras que lutam contra extrativistas como a mineração e garimpo, todas essas questões são relevantes e interconectadas. Assim, as iniciativas das defensoras podem responder facilmente aos critérios de ambos os fundos. Portanto, percebemos que ficou mais fácil para as defensoras se conectarem, se entenderem e unirem forças.

GAGGA mostrou que é possível encontrar sinergias e ações entre os dois movimentos. GAGGA tornou-se uma colaboração frutífera entre os direitos das mulheres e os fundos de justiça ambiental, organizações da sociedade civil (OSCs) e organizações de base comunitária (OBCs) em nível mundial. Isso resultou em uma forte abordagem integrada de gênero nos fundos de justiça ambiental e vice-versa. O resultado é uma Aliança diversificada que analisa as necessidades reais das mulheres defensoras em suas comunidades e se baseia em suas próprias propostas de mudança. Dentro da Aliança, partilhamos conhecimentos e ideias, participamos de eventos de aprendizagem, desenvolvemos iniciativas conjuntas, narrativas e campanhas.

Na América Latina, o trabalho conjunto focou na campanha “Nós, Mulheres, Somos Agua”, que em 2021 se tornou uma ação global. Na Ásia, as defensoras definiram os impactos das indústrias extrativas como seu foco principal e estabeleceram “Womem in Action on Mining - WAMA” (Mulheres em Ação na Mineração). E essas são apenas duas das muitas iniciativas GAGGA. Influenciamos os doadores a fornecer mais e melhores recursos para as defensoras que trabalham pela justiça ambiental. Influenciamos governos e investidores para melhorar suas políticas e monitorar sua implementação. Por exemplo, incidimos sobre o Fundo Verde para o Clima com o objetivo de aumentar o acesso dos grupos de direitos das mulheres aos recursos por eles administrados.





Para finalizar, o GAGGA tornou-se uma incrível oportunidade de aprendizado. Progredimos fazendo e aprendendo e também aprendemos permitindo-nos cometer erros no caminho. E por último, mas não menos importante, uma lição fundamental: provamos que o aprendizado entre diferentes movimentos que não são tão familiares entre si não acontecerá simplesmente colocando as pessoas na mesma sala e passando pelos mesmos itens da agenda. Embora as comunidades se entendam, reconhecemos que os dois movimentos têm culturas de trabalho diferentes, usam conceitos diferentes, veem questões sob perspectivas diferentes e têm valores diferentes. Entrar em um diálogo real, poder ouvir uns aos outros e aprender uns com os outros, respeitar as diferenças e ver a complementaridade ou mesmo a sobreposição de nossas lutas e propostas, leva tempo. Esse processo deve ser bem facilitado e, às vezes, é trabalhoso. Requer um processo cuidadoso, análise e preparação de ambos os lados. Envolve construir confiança e isso não acontece da noite para o dia. Mas se realmente queremos unir forças para enfrentar os muitos desafios do mundo de hoje, vale a pena.

E para mim, pessoalmente, quanto mais penso nos meus aprendizados na Aliança GAGGA, mais percebo como isso me fez mudar. Não consigo mais ler nenhum documento sem perceber se as mulheres estão atendidas. Não consigo assistir a um debate sem me perguntar por que apenas homens foram convidados a compartilhar sua sabedoria. E continuarei a me surpreender com a força das mulheres, sua coragem e sua incrível capacidade de adaptação e inovação. Observo que muitas vezes são as mulheres que mais tomam a iniciativa na defesa dos direitos humanos e na luta por um mundo justo e sustentável. Isso ficará comigo para sempre e espero que com muitos outros que inspiramos com o trabalho da Aliança GAGGA. Trabalho este que terá continuidade em 2021-2025, com o objetivo de ampliar seu escopo e contribuir para o combate às mudanças climáticas, a maior crise do nosso tempo.

Considerações finais

Trabalhar na interseção da agenda de defesa dos direitos das mulheres e da justiça ambiental, com um modelo de pequenos apoios em favor de grupos de base é a maneira mais transformadora de se conseguir a proteção dos territórios e dos direitos de seus habitantes. Para alcançar as mudanças necessárias, é fundamental trabalhar com as pessoas que vivem na linha de frente dos impactos ambientais - que não são donas do território, mas fazem parte dele.

O foco na interseccionalidade abre espaços para a participação das mulheres em suas comunidades e com as autoridades governamentais, à medida que seu papel como agentes de transformação socioambiental se torna visível e reconhecido. Só é possível promover a proteção de um território através da conexão com os direitos das pessoas que vivem nesses territórios. São as pessoas que vivem no território que realmente conseguem transformá-lo, pois estão ligadas à vida e aos processos que lá acontecem. Os processos que estes grupos mobilizam a partir de seu conhecimento e do conhecimento da dinâmica que enfrentam são verdadeiramente orgânicos e partem dos grupos sociais que conhecem e vivem estes problemas.

O trabalho na interseccionalidade de defesa dos direitos das mulheres e da justiça ambiental naturalmente aborda questões ligadas às ações de grupos de base em seus territórios. A conexão entre as mulheres indígenas e o meio ambiente sempre existiu. São as mulheres indígenas que permanecem nos territórios, e que são diretamente afetadas pelas pressões existentes. As mulheres nos territórios vivem na interseccionalidade, pois são elas as mais afetadas pela violência e pressões ambientais, são elas as que permanecem nas comunidades. Há uma ambivalência sobre o cruzamento, em termos da carga excessiva de trabalho que recai sobre as mulheres, pois elas assumem, além dos papéis de cuidado doméstico que tradicionalmente lhes são atribuídos, a proteção do meio ambiente.

O contexto atual coloca uma série de desafios em termos de trabalho na interseção das agendas de defesa dos direitos das mulheres e da justiça ambiental. A partir da perspectiva dos atores entrevistados neste estudo, fizemos uma seleção de pontos que consideramos relevantes para mantermos atenção.

Avanço de modelos extrativistas

A agenda dos governos no poder é claramente extrativista, em diversos países da América Latina. Esta é uma política de Estado, não importa se é direita ou esquerda. São modelos de desenvolvimento ligados à exploração dos bens naturais, que não levam em conta as vozes das comunidades afetadas.

COVID19

A recessão econômica que se apresenta em função da pandemia da COVID19 abre um pretexto para fortalecer modelos econômicos extrativistas baseados em atividades predatórias (mineração, petróleo, agricultura extensiva, assentamentos, projetos de mega infraestrutura etc.). A crise econômica e sanitária acentuou os níveis de pobreza nas comunidades locais, dificultando a movimentação e comercialização de seus produtos, além de gerar ainda mais violência e degradação ambiental.

Fechamento dos espaços de participação

Os desafios estão crescendo e o fechamento sistemático dos espaços de participação da sociedade civil é um fator agravante. Neste contexto, as mulheres são as mais expostas e as menos protegidas.

Discriminação estrutural contra a mulher

As organizações sociais têm um desafio em relação à participação política das mulheres. São necessárias mudanças familiares e estruturais para democratizar os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres no cuidado do lar para que elas possam participar e ter empregos remunerados sem sacrificar sua vida pessoal e familiar.

Ativismo insustentável e falta de autocuidado

As doenças e problemas de saúde que surgem como resultado do excesso de trabalho das mulheres líderes. Não é apenas a demanda de trabalho, mas também a sobrecarga emocional do trabalho e todas as histórias do que está acontecendo com as pessoas com quem trabalham. Emocionalmente, é muito difícil.



Abaixo revelamos uma síntese dos principais pontos compartilhados pelos entrevistados em relação às prioridades que veem em termos de trabalho na interseção dos direitos das mulheres e da justiça ambiental:

Agenda Temática

Continuar trabalhando em questões tais como acesso à água, soberania alimentar, autonomia econômica, recuperação e proteção de sementes nativas, proteção de territórios de reserva natural e territórios indígenas, contaminação da água e de aquíferos, gerenciamento de resíduos e reciclagem em áreas urbanas. O tema da alimentação saudável está ganhando cada vez mais força nas agendas dos grupos, com temas como agroecologia, produção limpa, agricultura de subsistência para combater a fome, entre outros. Há uma grande necessidade de abordar a parte econômica, a geração de renda das defensoras e suas comunidades.

Fortalecimento das Capacidades e Reconhecimento do Protagonismo da Mulher

Transformar a autopercepção das mulheres como agentes importantes na transformação para que tenham voz e participação nos espaços de tomada de decisão. Este foi um papel que durante muitos anos foi negado, mas agora há um despertar. Possibilitar a participação das mulheres em espaços políticos, democratizando e encontrando soluções familiares, coletivas ou públicas para as tarefas domésticas tradicionalmente assumidas pelas mulheres.

Autocuidado para as defensoras

Cuidar das pessoas que trabalham nestas organizações e dedicar tempo para cuidar do bem-estar das equipes de trabalho, com o apoio de especialistas.

Gestão do conhecimento

Trabalhar com conhecimento e informação é um ativo muito valioso. Quando o dinheiro se esgota, as pessoas ficam com conhecimento. Sistematizar e compreender as estruturas legislativas e normativas relativas aos direitos da mulher e ao meio ambiente em nível local, nacional e internacional. Investigar o impacto diferenciado sobre as mulheres devido às pressões ambientais e à violência nos territórios, tornando visível a conexão entre as mulheres e o meio ambiente, a fim de fortalecer os argumentos em defesa da causa.

Estratégias de incidência

Fortalecer as redes de defesa de direitos humanos e ambientais. Defender o direito à informação e consulta prévia de mega projetos que afetam direta ou indiretamente os territórios. Ter mais força nas campanhas globais que alcançam maiores impactos. Priorizar a defesa de políticas públicas, é um trabalho longo, não é fácil, mas é fundamental.

Gestão e acesso a recursos financeiros

Ter fundos flexíveis disponíveis que podem ser investidos no que é realmente necessário sem ter muita burocracia para acesso aos fundos por parte dos grupos de base.

